

organização

Bruna Camposano Medici
Eduardo Moutinho Ramalho Bittencourt
Roxane Sidney Resende de Mendonça

ATHIS

**Curso Extensão Formação em
Athis: Reflexões e Planos de Ação**

ATHIS

**Curso Extensão Formação em
Athis: Reflexões e Planos de Ação**

organização

Bruna Camposano Medici
Eduardo Moutinho Ramalho Bittencourt
Roxane Sidney Resende de Mendonça

Curso Extensão Formação em Athis: E-book

Desenvolvido pelo Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Santa Luzia

Autores :

BITTENCOURT, Eduardo Moutinho Ramalho
MENDONÇA, Roxane Sidney Resende de
MEDICI, Bruna Camposano

Coautores:

SOARES, Sara Letícia Pereira Rodrigues
SILVA, Sarah Maria Diniz
TEODORO, Stefany Natal
DINIZ, Lourdes Andrade
NASCIMENTO, Ana Beatriz Rosa
BRITO, Gleice Tamires Gomes de
SILVA, Mariana Oliveira da
PAULA, Alê Moreira de
ARAÚJO, Arthur (Coautor e Apoio Técnico)
SILVA, José Cassimiro da

Coordenação Editorial:

BITTENCOURT, Eduardo Moutinho Ramalho
MENDONÇA, Roxane Sidney Resende de
MEDICI, Bruna Camposano

Agradecimentos Especiais:

Agradecemos profundamente aos participantes, facilitadores e colaboradores que contribuíram para o enriquecimento deste material. Em especial, expressamos nossa gratidão aos professores e equipe administrativa do IFMG Santa Luzia pelo suporte contínuo e incentivo durante todo o processo de elaboração deste e-book.

Patrocinado por: CAU-MG (Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais)

Nota de Direitos Autorais: Todos os direitos autorais deste e-book são reservados. É proibida a reprodução total ou parcial deste conteúdo sem autorização prévia da instituição responsável.

Contato:

Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Santa Luzia (IFMG-Campus Santa Luzia) Endereço: Rua Érico Veríssimo, nº317, bairro Londrina, em Santa Luzia, MG

ISBN: [ISBN]

Catalogação na Publicação (CIP): [Informações CIP, se disponíveis]

Dados Técnicos:

Quantidade de Páginas: 157 páginas

Tamanho do Arquivo: 99,4 MB

Formato do Arquivo: PDF

Idioma: Português

Distribuição:

Este e-book está disponível gratuitamente para download em
https://www.ifmg.edu.br/santaluizia/ensino/cursos-1/arquivos/ebook_athis.pdf



QR CODE ACESSO AO E-BOOK

Prefácio	07
Introdução	10
CAP. 02_ Realidade do problema habitacional e urbano no país e as possibilidades da ATHIS- Oficina I	12
CAP. 03_ Possibilidades e desafios para política habitacional e urbana no Brasil - Oficina II	23
CAP. 04_ Como avançar com a ATHIS? Oficina III	29
CAP. 05 Processo colaborativo para compreensão dos problemas e na construção de soluções- Oficina IV	48
CAP. 06_ATHIS para Moradia - Oficina V	54
CAP. 07_ATHIS para Entorno de Moradia - Oficina VI	66
CAP. 08_ATHIS para Bairro e Meio Ambiente - Oficina VII	86
CAP. 09_ATHIS para Segurança da Posse - Oficina VIII	96
CAP. 10_ATHIS para Todos - Oficina IX	106
CAP. 11_Plano de ação	129
CAP. 12_Seminário Final	135
CAP. 13_Considerações Finais	138
CAP.14_Manifesto pela Implementação da Lei Federal de Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS)	143
REFERÊNCIAS	147
EQUIPE TÉCNICA	147
EXTENSIONISTAS	150
AGRADECIMENTOS	153

PREFÁCIO

por José Cassimiro da Silva

"Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da coberta de teu lar.
A mina constante de teu poço."
(Cântico da Terra, Cora Coralina)

Este livro é em muitos aspectos o encontro do conhecimento técnico-científico com o saber popular. Neste maravilhoso trabalho, iniciativa do Instituto Federal de Minas Gerais _Campus Santa Luzia, onde teoria e experiência se somam para elucidar o grande desafio de fazer cumprir o direito constitucional à moradia, temos os múltiplos olhares de atores os mais diversos: arquitetos, moradores de comunidades, vilas e favelas, estudantes, ativistas sociais, lideranças comunitárias, jovens e anciãos, acadêmicos e trabalhadores. O ciclo de encontros que permitiu a emergência desse livro traduz a diversidade desse debate que transcende a esfera nacional e interessa a todos.

Morar é um direito humano fundamental, mas nem sempre foi visto assim. Foi somente em 1948, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas, que o direito à moradia foi reconhecido como um direito universal – um direito dos povos – e desde então tem havido um esforço de movimentos sociais, cientistas sociais, trabalhadores, agentes populares entre tantos outros para que esse direito alcance sua natureza concreta e não somente fique nas intenções. Mas o que significa compreender o direito à moradia como um Direito Humano? Significa que esse direito é uma conquista, é um fruto de lutas por dignidade. Como bem observa Norberto Bobbio: "Por mais fundamentais que sejam, são direitos históricos, ou seja, nascidos em certas circunstâncias, caracterizadas por lutas em defesa de novas liberdades contra velhos poderes, e nascidos de modo gradual, não todos de uma vez e nem de uma vez por todas". E como tal, esses direitos precisam ser reafirmados sempre, pois aqueles que sempre se beneficiaram da exploração humana, negando a outros direitos à vida digna em seu próprio proveito, não abrem mão facilmente de seus privilégios. Isso se mostra verdade, particularmente e infelizmente, no Brasil, esse país de mais de oito milhões e meio de quilômetros quadrados. Dados da Fundação João Pinheiro (FJP) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que o país possui um déficit de quase seis milhões de moradias e outras cinco milhões de moradias precárias. Ainda que assustadores, estes dados devem ser vistos com cautela, pois, a depender dos critérios adotados, podem estar subestimados.

Como município periférico e herdeiro de populações migrantes de Belo Horizonte em busca de melhores condições de vida, Santa Luzia viu a luta por terra e casa começar já nos anos 1970 com ocupações pouco organizadas. No entanto, foi a partir dos anos 1980, com um súbito aumento populacional e com os movimentos de redemocratização do país, que a luta por moradia se intensificou e se organizou. Em meados dessa década, surgiu o Movimento Sem Casa com apoio de núcleos pastorais da Igreja Católica e as ocupações pipocaram pela cidade. Ao longo das décadas seguintes, essa luta foi assumindo novas feições com a implantação do Conselho Municipal de Moradia, com o Minha Casa Minha Vida, com os núcleos de moradia popular. São movimentos históricos que redefiniram a geografia de Santa Luzia.

Um dos méritos, entre tantos outros, das oficinas e palestras nesses encontros de ATHIS foi justamente resgatar a memória dessas antigas lutas e conectá-las com as atuais, pois, para não esquecer as palavras de Angela Davis: a liberdade é uma luta constante.

A ATHIS, Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social, é por si só um exercício de cidadania garantida aos brasileiros pela Lei Federal 11.888 de 2008, fundada no direito humano à moradia e traduzido pelo artigo 6º de nossa Constituição Federal: são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

Ao concretizar o curso de ATHIS na modalidade de extensão, o IFMG abriu as portas à toda comunidade de Santa Luzia e possibilitou a realização de um amplo debate público sobre o tema e foi além, pois nestes encontros cada um aprendeu com a experiência do outro. Uma troca de saberes que nos alimenta, pois sabemos que não estamos sozinhos e ao mesmo tempo podemos compreender as múltiplas maneiras de sermos atores e atrizes nessa luta.

Cabe um especial agradecimento, entre tantos outros que tornaram essa vivência possível, à professora Roxane Sidney e ao professor Eduardo Bittencourt, por todo trabalho de organização, mas também, por historicamente serem entusiastas desse olhar comunitário sobre questões complexas relacionadas à habitação, às formas de ocupação do território, a democratização dos espaços urbanos, sua relação com a preservação ambiental e desenvolvimento sustentável.

Um dos pontos altos do Curso de Extensão Formação em ATHIS foi a visita às ocupações Rosa Leão e Esperança. As experiências vividas por estas comunidades são a forma contemporânea de luta nos espaços urbanos e foi uma oportunidade única de avaliar um espaço próprio para atuação da ATHIS.

É um grande privilégio poder reviver neste Ebook, através de textos e imagens, a jornada que foi o Curso. O texto presente nesta publicação dá a esse percurso concretude, perenidade e sabor.

O IFMG de Santa Luzia é também uma experiência de luta que se concretizou em 2013 e da qual eu tive o prazer e privilégio de participar e me orgulha profundamente o quanto o Instituto se tornou relevante social e academicamente para essa cidade e esse saber não fica restrito a uma única unidade, pois sendo parte de uma rede, possibilita a disseminação de sua produção intelectual para outros municípios que se beneficiarão muito do que foi produzido nesses encontros e traduzido nesse livro. Que venham outros cursos e oficinas como a ATHIS. A comunidade agradece.

Creio que a leitura desse livro, além de agradar a todos, vai ser muito enriquecedora. Ao leitor, eu recomendo que volte a ele muitas vezes para vivenciar cada uma das experiências que culminaram nessa obra ao mesmo tempo técnica e popular. São muitos os autores deste livro. Ele fala muitas línguas, compartilha muitas histórias e traduz para o público em geral muito conhecimento.

José Cassimiro da Silva
21 de março de 2024

CAP. 01

Introdução

Introdução

1.1 - O Objetivo do E-book

No âmbito do curso de extensão "Formação para Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS)", oferecido pelo IFMG Santa Luzia, emergiram discussões profundas, experiências práticas e reflexões coletivas sobre a ATHIS. Com o patrocínio do CAU/MG, o propósito deste e-book, intitulado "Curso Extensão Formação em Athis: Reflexões e Planos de Ação", é consolidar de maneira integral e autêntica o conhecimento construído ao longo do curso.

A fundamentação deste e-book repousa na convicção de que o conteúdo originado do curso e das referências estudadas não apenas reflete a riqueza dos debates promovidos entre participantes e facilitadores, mas também captura a autenticidade das experiências práticas compartilhadas durante as oficinas e trabalhos realizados. Cada capítulo deste e-book é, portanto, uma expressão vívida das inúmeras perspectivas, desafios e conquistas que caracterizam nosso percurso formativo em ATHIS.

Além disso, ao ancorar nosso trabalho em fontes de referência consagradas, buscamos assegurar uma sólida base teórica. A integração de teoria e prática visa oferecer aos leitores uma compreensão abrangente e contextualizada da ATHIS, conectando-se não apenas com os fundamentos acadêmicos, mas também com as demandas reais e dinâmicas do cenário habitacional de interesse social.

A decisão de transformar o material do curso em um e-book não apenas preserva a autenticidade e o frescor das ideias discutidas, mas também representa um esforço disseminação do conhecimento teórico, mas também a transformação efetiva desse conhecimento em práticas habitacionais mais inclusivas e acessíveis.

¹ A Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS) é uma política pública prevista na Lei nº 11.888/2008, e tem sido implementada por muitos municípios como uma alternativa para os desafios urbanos e habitacionais enfrentados pelas cidades brasileiras. Acesse o link: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11888.htm

Ao longo deste processo, mantivemos o respeito rigoroso aos direitos autorais, garantindo a integridade e a ética na utilização de materiais externos. Com essas considerações em mente, acreditamos que este e-book se torna uma contribuição significativa, não apenas para os participantes do curso, mas também para aqueles que buscam insights práticos e reflexões substanciais sobre a prática da ATHIS.

Ao abrir as páginas virtuais deste e-book, convidamos os leitores a explorar não apenas os conceitos teóricos e práticos da Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS), mas também a se engajar em um diálogo que transcende as fronteiras do conhecimento, impulsionando ações concretas em direção a uma habitação mais justa e sustentável. Este convite estende-se a uma reflexão profunda sobre os desafios enfrentados pela ATHIS e a busca por soluções que possam superá-los. Assim, ao nos debruçarmos sobre os conteúdos apresentados, convidamos você a se unir a nós na jornada de enfrentamento dos "Desafios da ATHIS", rumo a um futuro habitacional mais inclusivo e equitativo.

1.2 - O Engajamento do CAU-MG na Promoção da ATHIS entre Profissionais e Sociedade

O CAU-MG destaca-se no cenário educacional, proporcionando aos arquitetos e urbanistas oportunidades significativas de compreenderem os princípios fundamentais da ATHIS. Através de programas educacionais como palestras e cursos especializados, o Conselho capacita os profissionais a integrarem efetivamente a ATHIS em suas práticas. Essa iniciativa visa não apenas a disseminação do conhecimento teórico, mas também a transformação efetiva desse conhecimento em práticas habitacionais mais inclusivas e acessíveis.

O CAU-MG adota uma abordagem proativa ao estabelecer um diálogo direto com a sociedade. Campanhas de conscientização, participação em eventos comunitários e debates públicos são algumas das estratégias utilizadas pelo Conselho para disseminar informações sobre a ATHIS. Ao envolver ativamente a sociedade, o CAU-MG busca criar uma compreensão coletiva dos desafios habitacionais, promovendo a colaboração entre profissionais e membros da comunidade.

Além de fornecer informações, o Conselho de Arquitetura promove a participação ativa através de iniciativas práticas. Trabalhos interativos e fóruns de discussão são organizados para envolver profissionais e membros da comunidade em atividades que não apenas aprofundam a compreensão da ATHIS, mas também inspiram ações tangíveis para melhorar as condições habitacionais.

Atuando como um catalisador de boas práticas relacionadas à ATHIS, o Conselho destaca exemplos de projetos bem-sucedidos e iniciativas inovadoras, inspirando outros profissionais e comunidades a seguirem caminhos similares. Esta abordagem não apenas promove a disseminação de conhecimento, mas também cria um ambiente propício para o aprendizado mútuo e o desenvolvimento de soluções adaptadas às necessidades específicas de diferentes contextos.

Além disso, é crucial destacar o papel do Conselho na promoção da capacitação em ATHIS, de acordo com a lei 11.888/2008. Desde 2018, o Conselho tem reservado recursos anuais para investir em programas de capacitação, conforme descrito nos editais publicados pelo CAU-MG. Para mais informações sobre os programas oferecidos, visite o [site](#) no portal do CAU-MG. É imprescindível que os profissionais e comunidades interessados tenham acesso a esses recursos e oportunidades de capacitação, contribuindo assim para impulsionar ainda mais o avanço da ATHIS.

1.3 - ATHIS e sua Contribuição para a Formação Profissional em Rede

A Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS) transcende a esfera técnica, tornando-se um catalisador de mudanças na formação profissional em rede, o que vai além dos conceitos teóricos para remodelar profundamente a maneira como os profissionais enfrentam os desafios intrincados da habitação de interesse social.

A ATHIS não apenas se integra aos currículos acadêmicos, mas desencadeia uma revolução no pensamento, desafiando os estudantes a mergulharem nas complexidades das realidades habitacionais. Essa prática não só enriquece o aprendizado teórico, mas prepara os futuros profissionais para uma atuação comprometida e eficaz.

No epicentro dessa revolução está a colaboração em rede, onde profissionais, moradores, órgãos públicos, ONGs e movimentos sociais entrelaçam-se em uma trama dinâmica. Essa abordagem não só aprimora a prática profissional, mas cria uma sinergia que amplifica o impacto das intervenções habitacionais. Os moradores assumem papéis proeminentes, transformando a ATHIS em uma parceria capacitadora que permite às comunidades participarem ativamente do processo. Isso garante que as soluções habitacionais sejam verdadeiramente sensíveis às necessidades locais.

A ATHIS não se limita a responder aos desafios locais; ela desafia a própria estrutura das políticas públicas habitacionais. O capítulo I deste e-book explora como a ATHIS se torna um catalisador para mudanças profundas nas abordagens governamentais, fomentando parcerias mais eficazes e políticas mais inclusivas.

Além de sua dimensão técnica, a ATHIS carrega consigo uma força social poderosa. Movimentos sociais adotam a ATHIS como ferramenta, defendendo o direito universal à moradia digna. Apresentando assim, ATHIS não se torna apenas uma prática profissional, mas também um instrumento de transformação social, contribuindo para a construção de sociedades mais justas e igualitárias.

Dessa forma, a Assistência Técnica revela suas complexas camadas e o profundo impacto na formação profissional em rede. A ATHIS não surge apenas como uma abordagem metodológica, mas como um movimento dinâmico que reconfigura a interação entre profissionais, comunidades e o ambiente construído.

1.4 - A proposta formativa em ATHIS a partir da extensão

A abordagem formativa em ATHIS, derivada da extensão, representa um importante pilar no desenvolvimento do curso. Delineamos nossa proposta de curso com base no plano de trabalho apresentado pelo IFMG ao CAU, no qual prevemos um papel primordial de discentes bolsistas na participação e construção do mesmo. A proposta do curso foi compartilhada à equipe de 8 bolsistas pelo Arquiteto e Urbanista Arthur Araújo por meio de resumo e diagramas. Estes elementos forneceram uma visão inicial e estruturada do curso, delineando os objetivos, metodologias e atividades a serem desenvolvidas.

Ao detalharmos a proposta de curso no Plano de Ensino, consolidamos e refinamos nossa visão, integrando informações adicionais e detalhando os aspectos práticos do curso. Esta fase permitiu uma compreensão mais profunda das etapas do processo formativo, garantindo sua eficácia e relevância.

O curso de Extensão foi estruturado em três unidades distintas:

Unidade I: O que é ATHIS? A que ela serve?

Unidade II: Discutindo problemas; experimentando soluções colaborativas

Unidade III: Sistematizando práticas; apresentando resultados.

A partir do tema de cada unidade, foram previstos conteúdos que foram organizados em oficinas, cada uma numerada, totalizando 10 oficinas, e com duração de 3 horas cada, totalizando 30 horas de curso.

Na UNIDADE I: O que é ATHIS? A que ela serve? foram previstas Oficina I_ Realidade do problema habitacional e urbano no país e as possibilidades da ATHIS (07/10/23-Manhã); Oficina II_ Possibilidades e desafios para política habitacional e urbana no Brasil (07/10/23-Tarde) e Oficina III_ Como avançar com a ATHIS? (21/10/23-Manhã).

Na UNIDADE II: Discutindo problemas; experimentando soluções colaborativas tivemos Oficina IV_ Processo colaborativo para compreensão dos problemas e na construção de soluções (21/10/23-Tarde); Oficina V_ ATHIS para moradia (11/11/23-Manhã); Oficina VI_ATHIS para entorno de moradia (11/11/23-Tarde); Oficina VII_ATHIS para bairro e meio ambiente (25/11/23-Manhã); Oficina VIII_ATHIS para segurança da posse (25/11-Tarde) e Oficina IX_ ATHIS para todos (09/12/23-Manhã).

Por fim, na **UNIDADE III:** Sistematizando práticas; apresentando resultados foi oferecida uma única oficina, a Oficina X_Planos de ação para enfrentamento dos desafios e possibilidades da ATHIS na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) (16/12/23-Manhã).

Os capítulos que se seguem foram dedicados a expor experiências vividas em cada uma dessas oficinas, a partir do olhar de pelo menos um discente bolsista, trazendo sempre relatos sobre palestras e dinâmicas experienciadas. É importante ressaltar ainda que o conteúdo deste ebook é o resultado do compartilhamento de experiências vividas e lições aprendidas ao longo do percurso formativo do Curso FIQ de Extensão do IFMG - Campus Santa Luzia. Este documento não apenas encapsula o conhecimento adquirido, mas também serve como um testemunho do compromisso contínuo com o desenvolvimento e aprimoramento da ATHIS e áreas afins.

Além disso, é crucial reconhecer e destacar os parceiros que contribuíram para a realização deste curso. A parceria com a REDE - LITS e RUA/IFMG, PEUBrs/CNPQ, ASF Brasil, e IAB-MG foi fundamental para a concretização da proposta formativa em ATHIS. Essas colaborações não apenas enriqueceram o conteúdo do curso, mas também fortaleceram sua conexão com a comunidade e as necessidades reais do campo.

CAP. 02

**Realidade do problema
habitacional e urbano no país
e as possibilidades da ATHIS-
Oficina I**



QR CODE ACESSO AO
CONTEUDO YOUTUBE



2. Realidade do problema habitacional e urbano no país e as possibilidades da ATHIS- Oficina I

Abertura artística: Coletivo Tambor de Rua

Apresentação do curso: Roxane Sidney e Eduardo Bittencourt

Palestrante: Simone Tostes

Responsável pelo texto do capítulo: Alê Moreira de Paula. (discente bolsista)

A primeira oficina ocorreu no dia 07/10/23, no turno da manhã. Nesse encontro, tivemos a abertura artística do grupo luziense Tambor de Rua, seguida da apresentação do curso pelos professores organizadores Roxane Sidney (IFMG-SL) e Eduardo Bittencourt (IAB-MG) e da palestra da Professora Simone Tostes (IFMG-SL) que abordou mais a fundo sobre a problemática da realidade habitacional e urbana do país, analisando as relações internacionais e como estas influenciam o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos, como é o caso do Brasil.

A Oficina I inaugurou a Unidade temática I O que é Athis? A que ela serve? Tendo como objetivo central discutir a realidade do problema habitacional e urbano no país, além de explorar as possibilidades e desafios da Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS). Foi discutido o papel da ATHIS num país como o Brasil, que apresenta um alto déficit habitacional, seu funcionamento e público-alvo, refletindo como essa política pode contribuir para mitigar problemas relacionados à moradia e aos desafios urbanos das cidades.

Antes, porém, de adentrarmos as apresentações sobre os temas propostos, os participantes foram convidados a apreciar a performance do grupo luziense Tambor de Rua, composto por dançarinos e percussionistas. Durante a apresentação, os dançarinos repetiram várias vezes a palavra "coração", enquanto os sons envolventes dos tambores ecoavam ao fundo. Esse momento levou os presentes a uma reflexão profunda sobre a relação intrínseca com a cidade e o espaço que ocupam. Entenderam que é nessa interação com o ambiente que moldam suas identidades e valores culturais, delineando, a partir disso, suas estratégias de sobrevivência.

Após a abertura artística, tivemos a apresentação do curso pelos professores organizadores Roxane Sidney e Eduardo Bittencourt. Nesse momento, foi destacado que a ATHIS representa mais do que um programa habitacional; é uma oportunidade para repensar a cidade de forma mais inclusiva e democrática. Visa iniciar um processo humanizado na busca por moradia, mas vai além, convidando a repensar a própria estrutura urbana em prol da acessibilidade e diversidade, mas que, no entanto, enfrenta diversos desafios para sua efetivação e sucesso no combate ao déficit habitacional no Brasil.

Durante a apresentação do curso de extensão sobre Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS), os participantes exploraram a situação atual do programa, os obstáculos reais e as dificuldades na sua implementação. O objetivo foi traçar estratégias para alcançar os propósitos estabelecidos pela Lei 11.888, que visa garantir o direito à moradia digna para todos os brasileiros.

Questões sobre "O que é ATHIS? A quem ela serve?", foram discutidas pelos professores Roxane Sidney e Eduardo Bittencourt. Roxane Sidney, professora do Instituto Federal Minas Gerais, campus Santa Luzia, trouxe uma contextualização da relação do profissional de arquitetura com a população de baixa renda, utilizando como exemplo a cidade de Santa Luzia - MG. A cidade de Santa Luzia, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, é conhecida por sediar os conjuntos Cristina e Palmital que, juntos, formam um dos maiores complexos habitacionais da América Latina. Atualmente, o município, vem sofrendo grande pressão do mercado imobiliário por novos empreendimentos habitacionais que, no entanto, não são voltados para a população que mais precisa, de até 3 salários mínimos, que é justamente o público alvo da lei 11.888/2008, conhecida como lei da ATHIS.





Considerando que a ATHIS visa garantir o direito à moradia às famílias de baixa renda, oferecendo subsídios e assessoria técnica pública e gratuita para a construção de residências, é evidente que os profissionais técnicos desempenham um papel fundamental nesse processo. No entanto, é um desafio garantir essa assessoria, seja devido à falta de incentivo na remuneração de profissionais ou à falta de conscientização sobre a necessidade desses serviços na sociedade de baixa renda.

Roxane Sidney, durante sua fala, compartilhou dados de trabalhos acadêmicos voltados para estudar a realidade habitacional na cidade de Santa Luzia, com destaque para a pesquisa de TCC da aluna de Arquitetura e Urbanismo, Sara Letícia, que buscou investigar a realidade habitacional do bairro Palmital. Nesta pesquisa, a partir de entrevistas com moradores, ficou evidente que a maioria não contratou um profissional de arquitetura para a construção de suas residências. A pesquisa demonstrou que isso se deve principalmente por questões financeiras, falta de conhecimento sobre a função do profissional ou simplesmente falta de consideração pela opção de contratar um arquiteto.

Nesse sentido, foi destacado pela Profª. Roxane que para avançar na implementação da ATHIS, é necessário um plano de ação que promova a formação de profissionais técnicos que saibam da importância de uma arquitetura mais inclusiva e que conscientize a sociedade sobre a necessidade desses profissionais na construção de suas residências e no desenvolvimento local. Uma das soluções apresentadas é o desenvolvimento de programas de formação que abordem metodologias de atendimento ao público de baixa renda e tecnologia social. A ATHIS pode viabilizar uma obra completa, incluindo profissionais técnicos, mão de obra e materiais de construção. Além disso, a promoção de cursos de extensão e residência voltados para ATHIS contribui para a formação de profissionais capazes de atender adequadamente áreas necessitadas, beneficiando também a economia e a mão de obra local.

A pesquisa de TCC de Sara Letícia finalizada em 2023, orientada pela professora Roxane Sidney, propôs um plano de ação para a implementação da ATHIS em Santa Luzia (MG), uma vez que esse programa ainda existe na cidade. A proposta incluiu diversas estratégias para enfrentar os desafios locais e promover o acesso à moradia digna.

Já na fala do Prof. Eduardo Bittencourt, ele agradece às comunidades envolvidas em projetos de moradia, como a ocupação Rosa Leão e Esperança e destaca o papel desses movimentos na luta pela moradia e ressalta a importância da participação dos moradores no processo de formação iniciado pelo curso de extensão. Eduardo enfatiza que o programa ATHIS não deve ser apenas para os profissionais técnicos, mas sim para toda a sociedade, e que as demandas reais devem ser o foco do programa.

Eduardo também aborda a luta dos profissionais de arquitetura desde a década de 1960 para promover mudanças na política urbana e na reforma agrária. Destaca um movimento dentro da profissão em prol da assistência técnica, onde as entidades profissionais trabalham para fornecer recursos e ações nas comunidades. A assistência técnica é um direito previsto na lei desde 2008 e contribui para questões como regularização fundiária e política habitacional.

Por fim, a Profª. Simone Tostes trouxe uma importante discussão sobre a realidade do problema habitacional e urbano no país, destacando a importância de entender as dinâmicas do sistema capitalista para promover transformações no espaço urbano. Ela ressalta que os problemas habitacionais e urbanos são resultado de um contexto mais amplo e que é necessário compreender as relações entre espaço e sociedade para compreender as causas desses problemas.

Após todas as apresentações, chegou o momento do debate com os presentes na primeira oficina do curso, envolvendo moradores, profissionais técnicos, poder público, movimentos sociais e docentes. Nesse momento, destacou-se a importância do diálogo entre instituições acadêmicas e a comunidade local para entender melhor as necessidades e propor ações. Isso evidencia a necessidade de organizar canais eficientes de discussão para viabilizar as demandas populares relacionadas à arquitetura e promover a transformação social através de projetos de extensão e conscientização dos profissionais sobre sua responsabilidade na transformação social.

CAP. 03

**Possibilidades e desafios para
política habitacional e urbana
no Brasil - Oficina II**



QR CODE ACESSO AO
CONTEUDO YOUTUBE

3. Possibilidades e desafios para política habitacional e urbana no Brasil - Oficina II

Palestrante: Eduardo Bittencourt

Responsável pelo texto: Alê Moreira de Paula (discente bolsista)

No dia 07/10/23, à tarde, ocorreu a oficina II. Durante a palestra conduzida pelo Prof. Eduardo Bittencourt, os participantes foram imersos nos desafios enfrentados pela política habitacional e urbana no Brasil contemporâneo. O propósito central foi instigar reflexões sobre a importância e o significado da Assessoria Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS), uma vez que compreender as políticas habitacionais e urbanas vigentes no país se revela crucial para uma compreensão plena do papel desempenhado pela assistência técnica.

Durante a palestra, Eduardo destacou que os obstáculos que permeiam a efetivação da ATHIS são resultado direto da ausência de um protagonismo por parte do poder público. Esta lacuna se manifesta tanto na esfera da gestão econômica quanto nos aspectos culturais e físicos relacionados ao desenvolvimento urbano. Embora o Estado estabeleça diretrizes e o plano diretor, sua atuação no processo de produção do espaço urbano muitas vezes carece de uma liderança efetiva.

Para enriquecer a compreensão histórica das políticas públicas voltadas à habitação, o palestrante apresenta uma linha do tempo que destaca marcos significativos, incluindo a Lei de Terras de 1850, considerada como o ponto de partida dos problemas habitacionais e urbanos no Brasil. Esta contextualização histórica serviu de base para compreender os desafios contemporâneos enfrentados pela ATHIS e pela política habitacional em geral.

Além da palestra, os participantes foram convidados a assistir um documentário baseado no trabalho de conclusão de curso de Arthur Araújo em Arquitetura e Urbanismo, orientado pela Profª. Viviane Zerlotini. O documentário mergulha no histórico do processo fundiário brasileiro, explorando questões como a segregação socioespacial e o acesso à terra.

QR codes foram disponibilizados para que os participantes acessarem os diferentes capítulos do documentário, ampliando sua compreensão sobre o tema através de uma abordagem audiovisual detalhada e envolvente.

Dessa forma, a oficina II não apenas aborda os desafios atuais enfrentados pela política habitacional e urbana, mas também oferece uma oportunidade para os participantes mergulharem profundamente na complexidade dessas questões através de uma combinação de palestra e recursos audiovisuais.

3,1 - Déficit Habitacional Brasileiro: Um Desafio para a ATHIS - Documentário

O documentário "Déficit Habitacional Brasileiro: Um Desafio para a ATHIS" é uma parte essencial da série documental desenvolvida com base no trabalho final de graduação em Arquitetura e Urbanismo de Arthur Araújo. Este documentário mergulha profundamente na história do processo fundiário brasileiro, proporcionando uma análise detalhada sobre como ocorre a segregação socioespacial e a questão do direito à terra no país.

Ao longo do documentário, os espectadores são conduzidos por uma jornada que revela as complexidades e desafios enfrentados pelo Brasil em relação à habitação. Desde as origens históricas do processo fundiário até os dilemas contemporâneos do déficit habitacional, o documentário apresenta uma perspectiva abrangente e informativa sobre a situação habitacional no país.

Para facilitar o acesso e a visualização do documentário, foram disponibilizados QR codes que direcionam os espectadores aos diferentes capítulos da série. Essa abordagem permite que os interessados explorem os temas específicos abordados em cada parte do documentário, ampliando sua compreensão sobre o assunto e possibilitando uma imersão mais completa na questão do déficit habitacional brasileiro e no papel da ATHIS na busca por soluções.



QR CODE - CAPÍTULO I, II e III sequencialmente





Imagens: Trechos do documentário produzido por Arthur Araújo
Fonte: Acervo do Curso

CAP. 04

**Como avançar com a ATHIS?
Oficina III**



QR CODE ACESSO AO
CONTEUDO YOUTUBE

4. Como avançar com a ATHIS? Oficina III

Palestrante: Tiago Castelo Branco

Responsável pelo texto: Mariana Silva (discente bolsista)

4.1 - Como Avançar com a ATHIS? Estratégias e abordagens para o desenvolvimento da ATHIS - Por Tiago Castelo Branco.

"Porque Belo Horizonte é uma grande ocupação, não foram coisas fáceis de se conquistar dentro de Belo Horizonte, só quem conhece a história de uma ocupação sabe o que é morar dentro de uma ocupação."
(Claudiana, representante da ocupação Maria de Jesus em BH e do movimento MLB)

A oficina III, ocorrida no dia 21/10/23 no turno da manhã, abordou a temática crucial da Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social (ATHIS) que é entender como avançar com essa política habitacional, delineando conceitos e desafios inerentes a essa importante ação pública. Voltada para a produção habitacional de populações em situação de vulnerabilidade social, a ATHIS visa promover uma transformação efetiva no cotidiano da produção diária da moradia, especialmente em comunidades como favelas e ocupações urbanas.

A palestra ministrada pelo arquiteto urbanista Tiago Lourenço, membro do grupo MOM Morar de Outras Maneiras e Arquitetas Sem Fronteiras Brasil - ASF Brasil, destaca os desafios e impasses enfrentados pela ATHIS e propõe reflexões sobre como superá-los. Lourenço, que também presta assessoria técnica a ocupações urbanas e movimentos sociais de luta por moradia em Belo Horizonte, compartilha relatos valiosos sobre a temática.

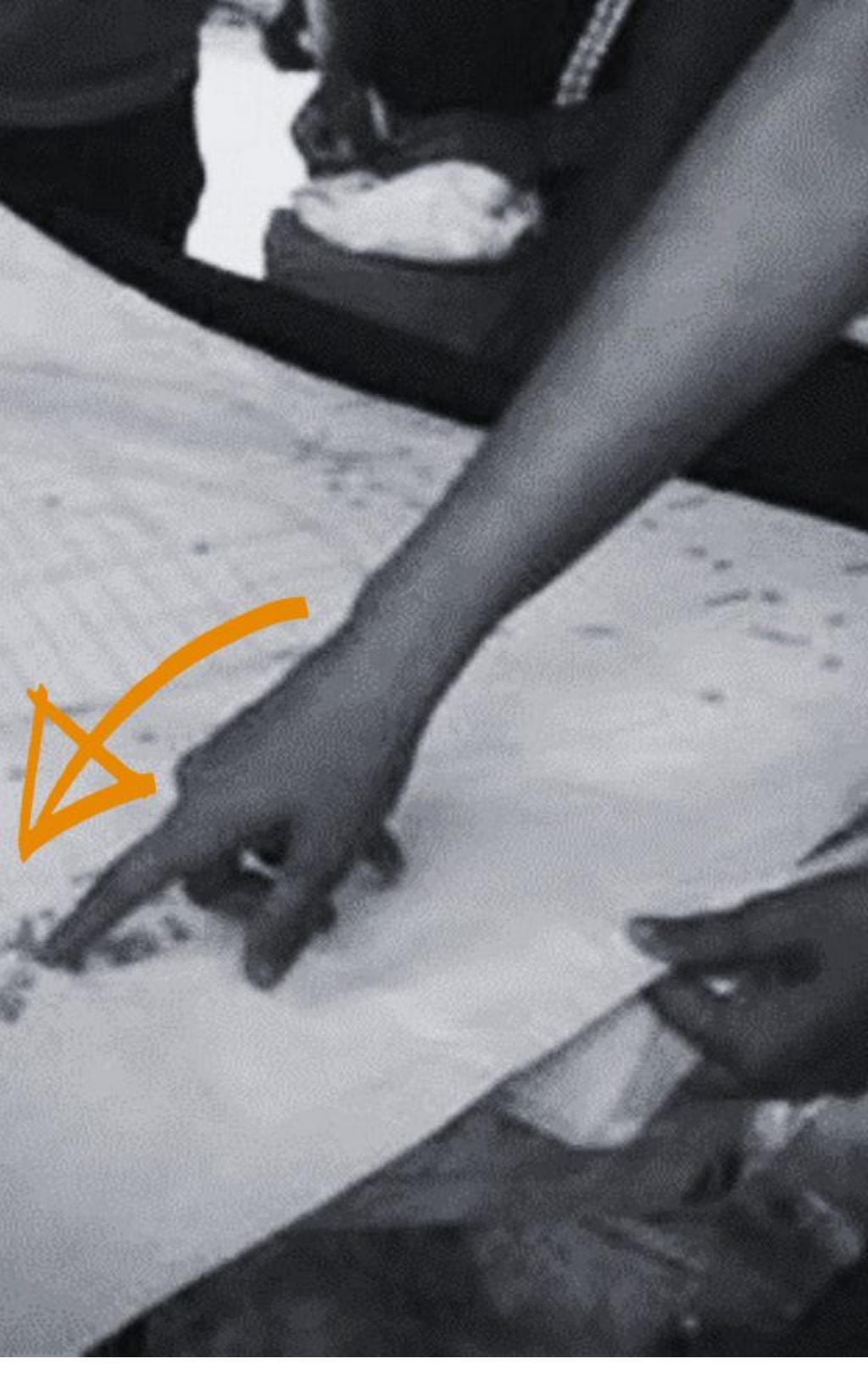
Tiago destaca a posição contraditória dos arquitetos urbanistas nesse contexto. Enquanto desempenham um papel essencial na discussão sobre assistência técnica em arquitetura e urbanismo, eles também são produtos do sistema capitalista, sendo, por vezes, vistos como agentes de controle na produção social do espaço.



Fonte: Foto do autor (2023) - Apresentação do palestrante

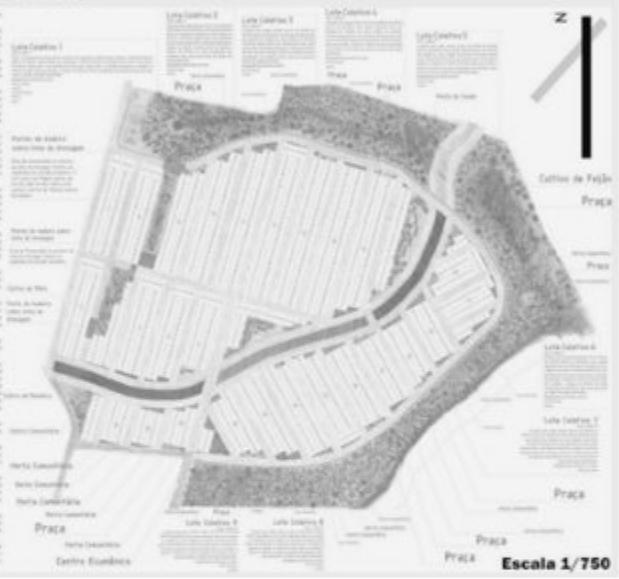
A experiência de Tiago Lourenço na ocupação da Dandara, ocorrida há cerca de 13 anos, evidencia a complexidade desses desafios. A falta de planejamento coletivo na ocupação ressalta a importância da atuação dos técnicos na produção social do espaço, compreendendo o cotidiano e os desafios enfrentados pelos moradores. A contradição entre o discurso político externo e a realidade vivida pelos ocupantes também é apontada.





Coletivo da Ocupação Dandara"

PLANO DIRETOR COLETIVO



Fonte: Desenho com sistema viário e parcelamento Ocupação Dandara / Plano Diretor Coletivo da Ocupação Dandara, Tiago Lourenço, 2023

Uma contradição adicional surge entre as ações diretas dos moradores sobre o território e as intervenções institucionais nas ocupações urbanas. Profissionais como advogados, arquitetos e religiosos, muitas vezes percebidos como "intocáveis", podem criar obstáculos na comunicação direta entre moradores e figuras institucionais, demandando uma mediação muitas vezes não ideal.

A intervenção de Claudiana, representante da ocupação Maria de Jesus em Belo Horizonte e do movimento MLB, adiciona uma perspectiva prática. Sua pergunta sobre como ser um facilitador eficaz dentro de uma ocupação destaca a importância de construir pontes de comunicação efetivas entre técnicos e moradores, essenciais para superar desafios persistentes.

Claudiana comenta sobre as vitórias alcançadas, mas ressalta que ainda há desafios a serem enfrentados, especialmente no contexto das casas em Belo Horizonte. Ela menciona sua experiência como facilitadora e destaca o aumento do número de moradores.

"Como fazer para ser um facilitador dentro de uma ocupação? Para que vocês tenham acesso a gente e temos acesso de volta a vocês."
(Claudiana, representante da ocupação Maria de Jesus em BH e do movimento MLB)

A inclusão dos relatos de outra aluna do curso, moradora do Palmital em Santa Luzia, Poliana Ramos, enfatiza as complexidades do cenário. A falta de CEP em determinadas ocupações impacta diretamente o acesso a serviços básicos, como saúde e educação, sublinhando a importância de questões fundamentais, como o direito ao endereço.

Por fim, a discussão sobre a complexidade do projeto de uma casa vai além da sua materialidade física. É uma ação em constante transformação, exigindo respeito pela condição humana e pelo livre arbítrio das pessoas. Tiago ressalta a necessidade de evitar engessamentos nos projetos, reconhecendo a natureza dinâmica das casas e a liberdade de transformação que deve ser respeitada ao trabalhar com arquitetura e moradia.

4.2 - Dinâmica de Grupo – Simulação da crise urbana

Na oficina III, foi proposta uma dinâmica para os participantes, compostos por alunos, técnicos, bolsistas e moradores. Os presentes foram organizados em grupos temáticos, abrangendo distintas perspectivas da sociedade: Moradores, Poder Público, Assistentes Sociais, Técnicos, Acadêmicos e Poder Público. Cada grupo recebeu uma cor associada a um tema específico: Moradores de comunidade, Profissionais da Arquitetura e Urbanismo, Poder Público, Movimento social.

A escolha de temas específicos para cada grupo não apenas destacou as diferenças nas experiências e necessidades de cada setor da sociedade, mas também ressaltou a interdependência entre eles. A compreensão mútua e a identificação de soluções integradas tornaram-se elementos essenciais durante a simulação.

Como material complementar, foram disponibilizados recursos adicionais para explicar o plano Pro-Izidora, destacando os seguintes pontos a serem abordados:

- Moradia e estratégias sustentáveis para edificações
- Promoção de espaços públicos, lazer e interação comunitária
- Iniciativas de recuperação ambiental para a comunidade

Grupo Moradores de comunidade

Na dinâmica educativa proposta, os alunos deste grupo foram desafiados a adotar a perspectiva sensível e complexa dos moradores da comunidade. A tarefa consistia em pensar não apenas nos itens essenciais, mas também na sua aplicabilidade prática dentro da realidade desses moradores. Nesse exercício, surgiu uma análise crítica sobre a clareza do plano proposto, evidenciando a necessidade de maior transparência e compreensibilidade por aqueles que são mais impactados pelo plano, isto é, os moradores.

REGRAS DO JOGO:
Garantir a segurança e o bem-estar da comunidade.
Participar ativamente nas decisões que afetam a comunidade.

Recursos do Jogo:
Conhecimento das necessidades locais.
Vínculo comunitário.

Preocupações do Jogo:
Acesso à moradia adequada.
Participação na tomada de decisões.

ARQUITETAS SEM-FRONTEIRAS

OFICINA II

ATIVIDADE: SIMULAÇÃO DA CRISE URBANA

QUESTÃO SURPRESA - MORADORES DE COMUNIDADES

FORMAÇÃO PARA
ATHIS

Um desabastecimento ocorreu em uma área que vocês estavam estudando devido a chuvas intensas. Como vocês podem documentar as condições do local e buscar assistência técnica para avaliar os danos?

Uma falta no fornecimento de água atrasou a comunidade, deixando as casas sem água corrente. Como vocês podem imediatamente?

Uma série de assaltos na área do projeto deixou moradores com medo de sair de suas casas. Como vocês podem criar medidas de segurança imediatas e colaborar com as autoridades?

Um incêndio começou em uma das habitações devido a um problema elétrico. Moradores estão preocupados com a qualidade da construção das novas habitações. Como vocês podem solicitar inspeções técnicas para garantir que as estruturas atendam aos padrões adequados?

ARQUITETAS SEM-FRONTEIRAS

ib Instituto de Arquitetura
INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus São Luiz

ARQUITETAS SEM-FRONTEIRAS

**INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso
Campus São Luiz**





PRO-IZIDORA

PLANO DE AÇÃO:

Planejamento de ações estratégicas para as ocupações da Izidora



Fonte: Plano de ação Pro-Izidora.²

https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/politica-urbana/2023/proizidora_plano_de_acao.pdf

² Segundo os documentos públicos disponibilizados no site da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/MG, o Plano de Ação Pro-Izidora é um conjunto de estratégias e ações proposto pela Prefeitura de Belo Horizonte para lidar com os desafios enfrentados nos assentamentos informais da região da Izidora. Esse plano visa abordar diversas questões relacionadas à habitação, sustentabilidade, espaços públicos, lazer comunitário e recuperação ambiental.

A falta de clareza no plano pode gerar incertezas quanto à obtenção de itens essenciais, levantando questões cruciais sobre a durabilidade e acessibilidade dos recursos propostos. Se os moradores não têm uma compreensão clara de como e por quanto tempo podem adquirir os itens descritos no plano, a implementação do mesmo pode enfrentar resistência ou se mostrar ineficaz.

A transparência na comunicação é fundamental para criar confiança e engajamento. Um plano claro não apenas estabelece expectativas realistas, mas também capacita os moradores a tomarem decisões informadas sobre seu futuro. A clareza é um elemento crucial na criação de parcerias eficazes entre os setores envolvidos, seja o poder público, a sociedade civil ou outros agentes.

Grupo Profissionais da Arquitetura e Urbanismo

O grupo composto por profissionais da arquitetura e urbanismo desempenha um papel crucial na reflexão sobre questões relacionadas à moradia, espaço público e recuperação ambiental em comunidades. Por meio de questionamentos provocativos, eles nos conduzem a uma análise profunda sobre como promover melhorias efetivas para a população que há anos reside e interage nesses locais.

No contexto da moradia, os profissionais da arquitetura e urbanismo nos desafiam a pensar em soluções inovadoras que vão além da simples construção de habitações. Quanto ao espaço público, as perguntas provocativas nos levam a refletir sobre como tornar esses locais mais inclusivos, acessíveis e propícios ao convívio social. Na questão da recuperação ambiental, o grupo alerta para a importância de promover a sustentabilidade ambiental nas intervenções urbanísticas.

Grupo Poder Público

A iniciativa do grupo do poder público, que inclui agentes públicos, comunidade acadêmica e moradores, de fazer diversas propostas para mapear e cadastrar no censo, prever orçamento e incluir o espaço na malha urbana, representa um passo significativo em direção ao desenvolvimento sustentável e à melhoria da qualidade de vida nas comunidades.

O mapeamento e cadastramento no censo são ações fundamentais para compreender a realidade e as necessidades específicas de cada região. A previsão orçamentária é outro aspecto crucial das propostas apresentadas pelo grupo. Além disso, a inclusão do espaço na malha urbana representa um avanço significativo na integração e regularização das áreas ocupadas informalmente. É importante destacar que a participação ativa da comunidade acadêmica e dos próprios moradores no processo de elaboração e implementação das propostas é essencial para garantir sua efetividade e legitimidade.

Grupo Comunidade Acadêmica

O grupo de comunidade acadêmica demonstrou uma abordagem inclusiva e participativa ao dividir suas propostas com base nas ocupações Helena Grego, Rosa Leão, Esperança e Vitória. Essa visão indica não apenas um reconhecimento da diversidade das comunidades, mas também um esforço para personalizar as soluções de acordo com as necessidades específicas de cada uma.

Um dos aspectos mais louváveis dessas propostas é a valorização do conhecimento dos moradores locais. A ênfase na melhoria dos espaços públicos já existentes é outra característica positiva das propostas do grupo. A preservação da natureza e dos espaços verdes, por meio do plantio de árvores frutíferas, é uma proposta que alia benefícios ambientais, sociais e econômicos. Em síntese, as propostas do grupo de comunidade acadêmica refletem um compromisso genuíno com a construção de comunidades mais inclusivas, sustentáveis e resilientes.

Grupo Movimento Social

O grupo de movimentos sociais apresentou propostas inovadoras e centradas na comunidade para abordar questões relacionadas à moradia, soluções sustentáveis, espaços públicos de lazer e recuperação ambiental. Sua abordagem colaborativa e participativa reflete um compromisso genuíno com a inclusão social, o empoderamento das comunidades e a promoção da sustentabilidade.

Uma das propostas-chave do grupo é a promoção da construção coletiva de moradias, onde a comunidade participa ativamente do processo de planejamento, construção e manutenção das habitações. Em relação aos espaços públicos de lazer comunitário, o grupo levanta uma questão crucial sobre a necessidade de garantir que esses espaços não sejam apenas temporários. Outra proposta importante do grupo é a recuperação ambiental e comunitária, que visa não apenas restaurar ecossistemas degradados, mas também promover a conscientização ambiental e a educação na comunidade.

Assim sendo, é essencial destacar que as soluções para os desafios urbanos contemporâneos não podem ser alcançadas isoladamente, mas sim através de um esforço conjunto e coordenado entre diferentes segmentos da sociedade. A atuação conjunta dos moradores, profissionais, acadêmicos, governantes e movimentos sociais demonstra um compromisso coletivo em promover mudanças positivas nas comunidades, considerando suas necessidades específicas, experiências e perspectivas.

Ao unirem suas expertises e recursos, esses diversos atores podem oferecer abordagens inovadoras e integradas para enfrentar questões como habitação precária, falta de infraestrutura, degradação ambiental e exclusão social. Através do diálogo, da colaboração e do engajamento ativo da comunidade, é possível identificar soluções sustentáveis e adaptadas ao contexto local, que promovam o bem-estar coletivo e a melhoria da qualidade de vida.

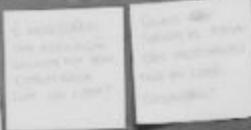
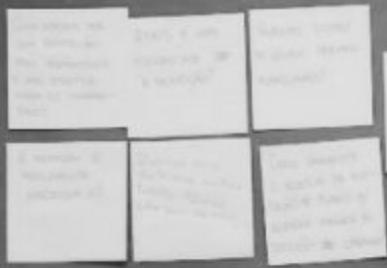


Fonte: Acervo curso ATHIS – 2023 - Paineis elaborados por cada grupo com as principais ideias apresentadas.

MORADIA

ESPAÇO
PÚBLICO

RECUPERAÇÃO
AMBIENTAL







CAP. 05

**Processo colaborativo para
compreensão dos problemas e
na construção de soluções-
Oficina IV**



QR CODE ACESSO AO
CONTEUDO YOUTUBE

5. Processo colaborativo para compreensão dos problemas e na construção de soluções- Oficina IV

Palestrante: Viviane Zerlotini da Silva

Responsável pelo texto: Mariana Silva (discente bolsista)

Na oficina IV, ocorrida no dia 21/11/23 à tarde, tivemos a professora convidada Viviane Zerlotini da Silva como palestrante, abordando o tema "Discutindo Problemas; Experimentando Soluções Colaborativas". Durante essa sessão, aprofundamos nossa análise em temas cruciais, incluindo a dicotomia entre Participação e Colaboração, os intrincados Processos Colaborativos e a dinâmica das Oficinas.

A discussão se inicia com uma reflexão profunda sobre a propriedade, trazendo à tona a impactante afirmação de Proudhon em 1840: "a propriedade é um roubo." Nesse contexto, a diferenciação entre propriedade privada e roubo, conforme interpretada por Marx, é cuidadosamente analisada.

Adentramos o plano das ideias, mergulhando na concepção de que a riqueza é uma resultante direta do trabalho humano, enquanto questionamos a legitimidade da propriedade privada em comparação com a propriedade pública. O texto destaca a expansão desta última para atender às necessidades sociais, ressaltando, contudo, que não alcançou plenamente as expectativas socialistas. A dualidade do termo "próprio" é explorada, abordando tanto sua relação de finalidade quanto a de pertencimento.

Em seguida, foi discutido o princípio do comum, emergindo de maneira significativa em diversos movimentos sociais. Esse princípio não se contrapõe ao conceito de público, mas transcende a definição estrita de "propriedade". Os princípios do comum, como o bem comum, a construção a partir da prática social, o conflito como forma de negociação e a coprodução de regras por coletivos, são minuciosamente delineados.

Destacamos a importância de identificar o comum que está sendo forjado pela comunidade e indagamos sobre o papel que cada indivíduo desempenha em diversos coletivos, seja na academia, como assessor técnico, líder comunitário ou em outros contextos. Os Processos Colaborativos foram estruturados pela professora Viviane Zerlotini em quatro fases: Aproximação, Contextualização, Requalificação da Demanda e Plano de Ação.

A Aproximação inicia-se com uma conversa essencial para compreender o contexto do grupo e suas demandas. Na fase de Contextualização, é encorajada a análise profunda de informações para construir uma compreensão inicial da demanda. A Requalificação da Demanda é apontada como necessária quando a demanda inicial não for atendida, uma vez que desafios surgirão na prática colaborativa. Por fim, o Plano de Ação compila detalhadamente as etapas realizadas, os instrumentos e ferramentas empregados, além da programação das atividades.

Sublinhamos a importância crucial da pactuação entre os envolvidos no processo colaborativo, onde princípios são definidos, valores compartilhados e limites estabelecidos. O intuito ao construirmos esse processo participativo é criar soluções colaborativas eficazes para as demandas identificadas, contribuindo assim para um entendimento mais profundo e uma ação transformadora.

Após a conclusão da palestra, foi proposta uma atividade prática com o objetivo de fomentar a participação ativa e a colaboração entre os alunos. Nessa etapa, os grupos previamente formados durante a oficina da manhã foram subdivididos em mais três equipes, garantindo uma representação diversificada, com pelo menos um membro de cada categoria de agente da ATHIS em cada novo grupo. As categorias contemplavam membros da prefeitura, moradores, liderança de ocupação, guardiões da memória, representantes de movimentos sociais e profissionais técnicos.

Cada grupo foi incumbido de uma tarefa específica: escolher uma intervenção previamente realizada pelos moradores da microbacia da ocupação Vitória e analisar como ela pode ser potencializada por meio de práticas colaborativas. Essa abordagem prática visava explorar experiências concretas e promover a troca de perspectivas entre os participantes, aproveitando a riqueza de conhecimentos de diferentes agentes envolvidos.

INVENTÁRIO DAS PRÁTICAS COTIDIANAS DE CUIDADOS AMBIENTAIS E URBANOS

- MICRORÁGUA DE VITÓRIA



Fonte: Inventário de Práticas de Cuidados Ambientais e Urbanos - Grupo PEU Brs

INVENTÁRIO DAS PRÁTICAS COTIDIANAS DE CUIDADOS AMBIENTAIS E URBANOS -

MICRORÁGUA DE ESPERANÇA



Fonte: Inventário de Práticas de Cuidados Ambientais e Urbanos - Grupo PEU Brs



[QR CODE ACESSO MATERIAL NO YOUTUBE](#)

A diversidade presente em cada grupo garantiu uma visão abrangente e integrada das intervenções realizadas, proporcionando uma discussão enriquecedora e a oportunidade de selecionar casos exemplares para análise mais aprofundada. A metodologia buscou, assim, extrair aprendizados significativos das práticas já implementadas pelos moradores, permitindo a identificação de elementos-chave e a formulação de estratégias colaborativas para futuras intervenções na microrregião da ocupação Vitória.





Imagem: Acervo do Curso - Oficina IV

CAP. 06

ATHIS para Moradia - Oficina V



QR CODE ACESSO AO
CONTEUDO YOUTUBE

6. ATHIS para Moradia - Oficina V

Palestrante: Jansen Lemos

Responsável pelo texto: Ana Beatriz Rosa Nascimento (discente bolsista)

"Muitas construções e reformas são feitas sem assistência técnica adequada, resultando em casas insalubres" (Jansen Lemos, diretor de habitação da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação de Ouro Preto)

A busca por soluções habitacionais eficazes exige um olhar atento para a realidade local, considerando suas nuances e desafios específicos. Neste capítulo, referente à experiência vivida na Oficina V, ocorrida no dia 11/11/23 pela manhã, apresentamos a experiência de Ouro Preto, Minas Gerais, destacando as estratégias adotadas pelo município para lidar com o déficit habitacional. A trajetória de Ouro Preto revela como a combinação de esforços técnicos, inovação nas políticas públicas e participação ativa da comunidade pode se tornar um catalisador para transformar desafios em oportunidades.

O palestrante convidado foi o Arquiteto e Urbanista Jansen Lemos Faria, diretor de habitação da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação de Ouro Preto. Com uma rica bagagem acadêmica, Jansen compartilhou sua experiência, classificando-a como um "relato de experiência". Suas reflexões forneceram vivências valiosas sobre a situação habitacional em Ouro Preto.

Ouro Preto, uma cidade histórica com cerca de 75.000 habitantes, enfrenta desafios singulares. Seu cenário de tombamento, a forte influência da mineração na economia e a topografia acidentada contribuem para uma complexa realidade habitacional. A necessidade de aprovação pelo IPHAN e a classificação de riscos geológicos são camadas adicionais de desafios.

A cidade testemunha um aumento no déficit habitacional, agravado por fatores como crise econômica, crescimento populacional e condições climáticas adversas. A autoconstrução sem assistência técnica apropriada resulta em habitações precárias, carentes de ventilação, iluminação adequada e infraestrutura básica. A resposta municipal a esse cenário reflete na busca pela implementação da Athis.

A Prefeitura, ciente dos desafios, iniciou uma reestruturação em sua abordagem habitacional. Introduziu o programa "Um Teto é Tudo", proporcionando auxílio moradia a famílias desde 2005. Para avaliar a habitabilidade das moradias, a prefeitura definiu critérios mínimos, considerando espaços para quarto, banheiro e cozinha. A legislação, como a Lei de Uso e Ocupação do Solo, foi adaptada para flexibilizar parâmetros urbanísticos.

O poder público desenvolveu fichas de campo e laudos de habitabilidade para avaliar as condições das residências. O foco da análise foi além da estrutura física, considerando riscos à vida, à saúde e à qualidade de vida. A iniciativa visou garantir que as intervenções fossem direcionadas às necessidades específicas, promovendo melhorias reais na qualidade de vida.

O município analisou a necessidade de requalificação de moradias em áreas de risco. A política atual classifica os serviços em projeto e requalificação, priorizando casos mais sensíveis. Além disso, novos loteamentos e unidades habitacionais são parte integrante da estratégia de regularização fundiária.

O município de Ouro Preto enfrenta uma série de desafios, incluindo questões financeiras, limitações na equipe técnica e obstáculos jurídicos relacionados à regularização fundiária. Destaca-se a importância de uma comunicação efetiva com os cidadãos para superar esses desafios. A abordagem integrada é fundamental, envolvendo universidades, instituições e o reconhecimento dos profissionais dedicados à habitação social.

Durante o intercâmbio de perguntas e respostas após a palestra, pontos cruciais emergiram. Sugere-se que as vistorias, conduzidas como inspeções preventivas em residências de risco, representam um método mais eficiente para abordar questões habitacionais. Considerando a escassez de terrenos públicos, especialmente em áreas urbanas, o município busca parcerias com empresas detentoras de terrenos. Essa estratégia viabiliza a construção de unidades habitacionais descentralizadas, mantendo as pessoas próximas às suas comunidades de origem.



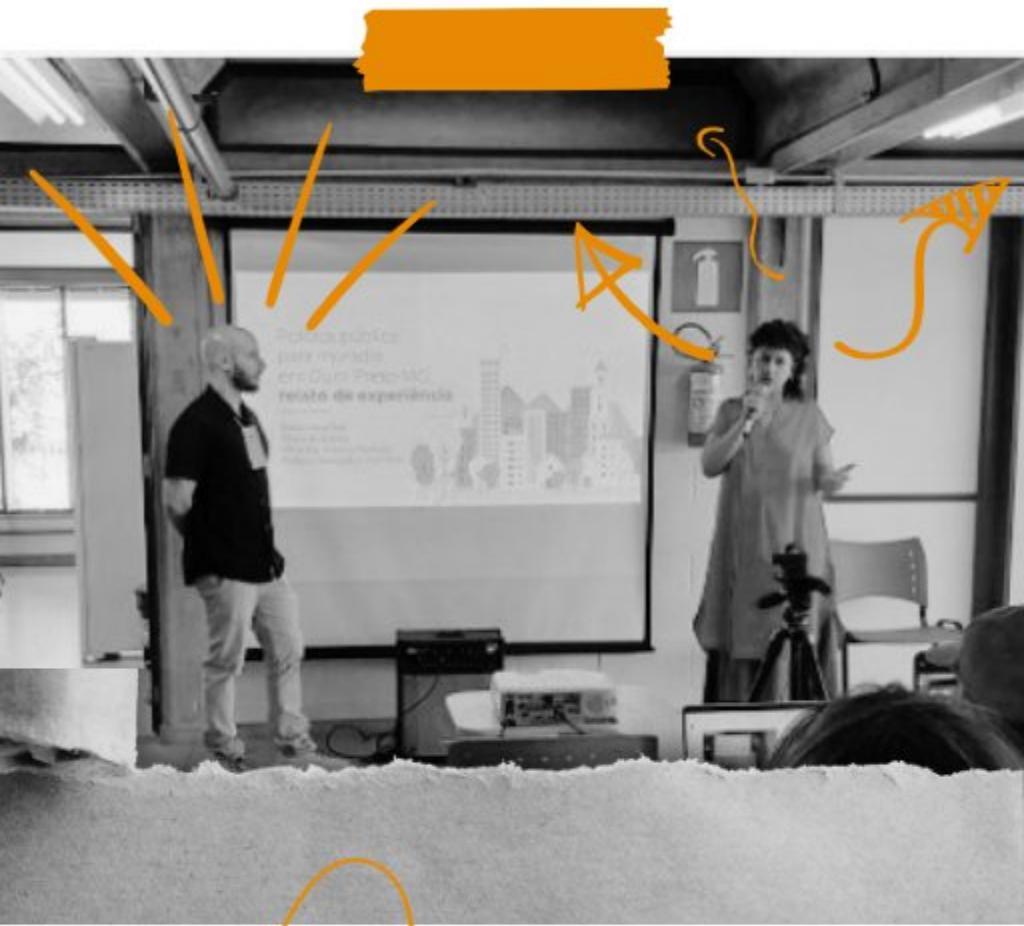


Agradeço pela atenção!

Política pública
para moradia
em Dourado-PR:
relato de experiência

Dra. Lucia Faria
Coordenadora da UEB
SIS de Eng. Urbana e Urbanista
Universidade da Cidade de São Paulo

35



QR CODE ACESSO AO MATERIAL NO YOUTUBE

É imperativo que o poder público demonstre disposição para aprender com experiências passadas, ajustando continuamente suas abordagens. Estratégias legais, de mutirão, autogestão e cogestão tornam-se essenciais nesse processo. Além disso, a constante atualização do banco de dados pela prefeitura e a promoção de uma comunicação eficaz e alinhamento com outras secretarias são aspectos fundamentais.

Outros pontos relevantes incluem a colaboração com universidades, institutos e empresas juniores em projetos de habitação social. Destaca-se também a necessidade de incentivos financeiros e reconhecimento profissional, provenientes das prefeituras por meio de editais, aos profissionais envolvidos com habitação social.

Por fim, ressalta-se a importância de realizar vistorias pela defesa civil em conjunto com assistentes sociais. O comprometimento tanto do poder público quanto da comunidade é crucial para superar os desafios e proporcionar melhores condições de moradia à população.

A experiência de Ouro Preto destaca a importância de uma abordagem multifacetada na política habitacional. A cidade não apenas enfrentou desafios, mas os transformou em oportunidades, demonstrando que a construção de moradias vai além do físico, abraçando a qualidade de vida e a participação ativa da comunidade.

Durante a oficina, os participantes foram instigados a enfrentar desafios complexos relacionados à habitação por meio de dinâmicas envolventes. Cada grupo recebeu uma categoria específica, como gestão pública, mutirão, autogestão, melhorias habitacionais e co-gestão. A partir da categoria definida, cada grupo seria sendo instigado a refletir sobre a problemática do déficit habitacional, incentivando a diversidade de perspectivas e soluções.

No grupo de gestão pública, a proposta de integrar saúde e habitação revelou uma abordagem inovadora para lidar com as demandas sociais. A ênfase na identificação da demanda, a implementação de cadastros eficientes e a busca por captação de lideranças locais demonstraram uma compreensão profunda dos desafios enfrentados pelos municípios. A sugestão de criar um sistema único de moradia, alinhado ao SUS, evidencia a busca por soluções integradas e eficazes.

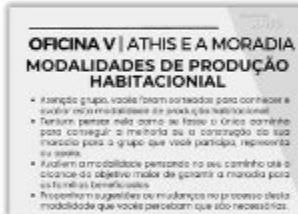
No contexto do mutirão, a discussão sobre responsabilidade e comunicação efetiva ressaltou a importância da participação ativa da comunidade. A valorização da associação de moradores como um elemento-chave para o sucesso do mutirão e a sugestão de remuneração evidenciam uma abordagem prática e sustentável para a produção habitacional.

O grupo dedicado a melhorias habitacionais trouxe uma perspectiva abrangente, considerando não apenas a infraestrutura básica, mas também a qualidade de vida, a relação com o entorno e a participação ativa da comunidade. A proposta de criar uma rede de contatos regional demonstrou uma visão holística para fortalecer a comunidade local e promover uma economia mais sustentável.

A cogestão, proveniente de movimentos de base, destacou a importância do processo construtivo dessa política. As reflexões sobre implementação, financiamento público e participação popular evidenciam uma abordagem crítica e reflexiva, buscando maior proximidade entre as decisões municipais e a realidade dos moradores.

O grupo de autogestão enfrentou desafios relacionados à mobilização em diferentes escalas, enfatizando a importância do acesso à informação sobre recursos disponíveis. As propostas para regularização do terreno antes de iniciar projetos habitacionais e a criação de projetos informativos revelam uma abordagem cuidadosa e estratégica.

A citação do Grupo Mutirão ressalta a importância da capacitação técnica local, evidenciando não apenas a busca por soluções práticas, mas também o enriquecimento proporcionado por uma abordagem educacional específica para as necessidades locais.



Fonte: Acervo do Curso - Material de apoio à dinâmica de grupo, com cadernos resumo sobre as características de cada modalidade de produção de HIS.

As imagens do momento da apresentação das ideias durante a dinâmica proporcionam um contexto visual, ilustrando o envolvimento e a colaboração ativa dos participantes. Esses momentos documentados oferecem uma representação tangível do processo de discussão e construção de propostas inovadoras. As fontes dos arquivos do Curso em ATHIS (2023) conferem autenticidade ao material apresentado, fornecendo uma base confiável para a análise das propostas e ideias desenvolvidas ao longo do curso.

Fonte: Acervo do Curso - Apresentação das ideias e propostas criadas, durante a dinâmica, pelos participantes do Curso em Athis







CAP. 07

ATHIS para Entorno de
Moradia - Oficina VI



QR CODE ACESSO AO
CONTEUDO YOUTUBE

7. ATHIS para Entorno de Moradia - Oficina VI

Palestrantes: Eduardo Bittencourt, Daniel Miranda e Verônica Bernardes

Responsáveis pelo texto: Sarah M. Diniz Silva e Gleice Tamires G. de Brito (discentes bolsistas)

A oficina VI, ocorrida no dia 11/11/23 à tarde, tratou do tema "ATHIS para o entorno da moradia". O objetivo principal foi apresentar aos participantes algumas tecnologias de urbanização sustentável e outras formas de serviços coletivos urbanos (água, luz, esgoto, drenagem, resíduos sólidos urbanos, etc). O professor Eduardo Bittencourt fez uma breve apresentação sobre o tema e, em seguida, os professores Daniel Miranda e Verônica Bernardes, iniciaram a palestra da tarde.

Eduardo começou abordando as divergências existentes entre as técnicas convencionais construtivas e as especificidades locais. O professor é arquiteto e urbanista e possui ampla experiência como assessor técnico, além disso, é consultor especializado nas áreas de planejamento urbano municipal, urbanização de assentamentos precários e desenvolvimento de soluções para habitação de interesse social.

Observa-se, atualmente, que em alguns casos não se considera as especificidades existentes em terrenos e regiões na concepção dos projetos. Muitas obras executadas por diversas prefeituras ou estados, tiveram sua verba destinada a soluções que, a longo prazo, apresentaram diversos problemas técnicos que resultaram em gastos excessivos e/ou desnecessários. Eduardo ressaltou que existem diversas tecnologias existentes hoje, porém vê-se a insistência na utilização dos mesmos métodos sempre.

"Estamos trabalhando na nossa infraestrutura com uma tecnologia e uma lógica de relação com o território que não pode chover...não pode chover [...] olha o que que a gente tá fazendo para implantar a infraestrutura com a verdadeira infraestrutura que é a nossa terra, a nossa natureza. Será que é preciso? Será que a gente não pode desenhar diferente?" (Bittencourt 2023)

Nesta fala, o professor refere-se aos fatos ocorridos no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, durante intervenções do programa Vila Viva e, em Teresópolis, Rio de Janeiro, nos desastres ocorridos em decorrência das chuvas de 2011. Em ambos os casos, a infraestrutura local foi comprometida após a ocorrência de fortes chuvas que causaram deslizamentos e movimentações de terra.



Dando continuidade ao tema, os professores Verônica Bernardes e Daniel Miranda iniciaram a palestra da tarde voltada para a abordagem de tecnologias de urbanização sustentável e outras formas de serviços coletivos urbanos (água, luz, esgoto, drenagem, resíduos sólidos urbanos, arborização, etc). Houve também uma breve discussão sobre a configuração do meio ambiente urbano e suas estruturas coletivas, relacionando-as com a moradia (cotidiano da vida privada), o poder público e outros agentes coletivos que podem contribuir para o acesso, funcionamento, qualidade e eficiência nas mesoestruturas urbanas.

Daniel Miranda iniciou contextualizando saneamento básico e falando sobre o ciclo urbano da água. O professor é graduado em Engenharia de Produção, possui mestrado em Engenharia Civil com ênfase em Hidráulica e Energia. Também possui doutorado em Engenharia Civil e em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos. Além disso, atua em projetos de extensão junto à comunidade do Izidora.



Fonte: Arquivo pessoal - Fala do professor Daniel Miranda

Em seguida, a professora Verônica Bernardes falou sobre água e abastecimento. Ela destaca:

"O nosso país ele é rico, né? E é muito rico em água. Por ter essa riqueza, muitas vezes a gente banaliza o tema." (Verônica Bernardes, professora do IFMG Campus Santa Luzia)

Depois, a professora mostrou aos alunos como funciona o sistema tradicional de abastecimento público e ressaltou:

"Se no local normalmente não tem o sistema público chegando, a gente pode ter um sistema privado" (Verônica Bernardes, professora do IFMG Campus Santa Luzia)

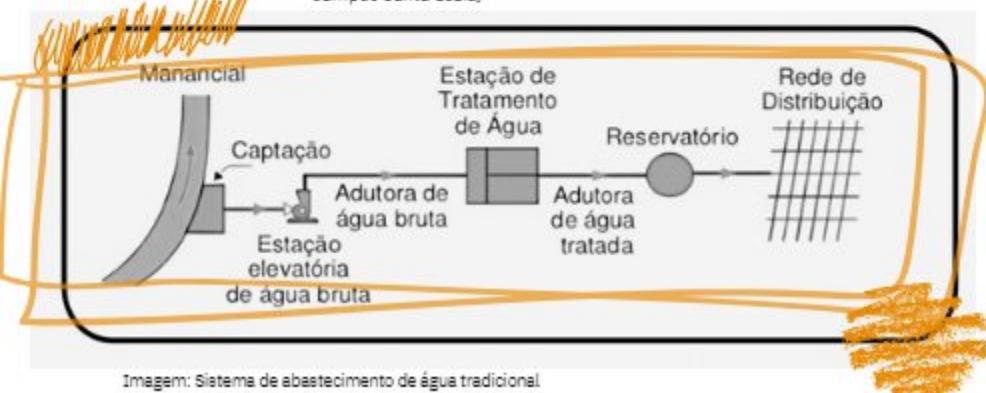


Imagen: Sistema de abastecimento de água tradicional.

Fonte: <https://www.ecoconsultores.com.br/sistema-de-abastecimento-de-agua-funcionamento/> 70

Posteriormente, foram abordados diversos sistemas de aproveitamento de água. O objetivo foi despertar nos alunos a problemática do uso consciente da água e a importância de adotar medidas cada vez mais ecológicas.

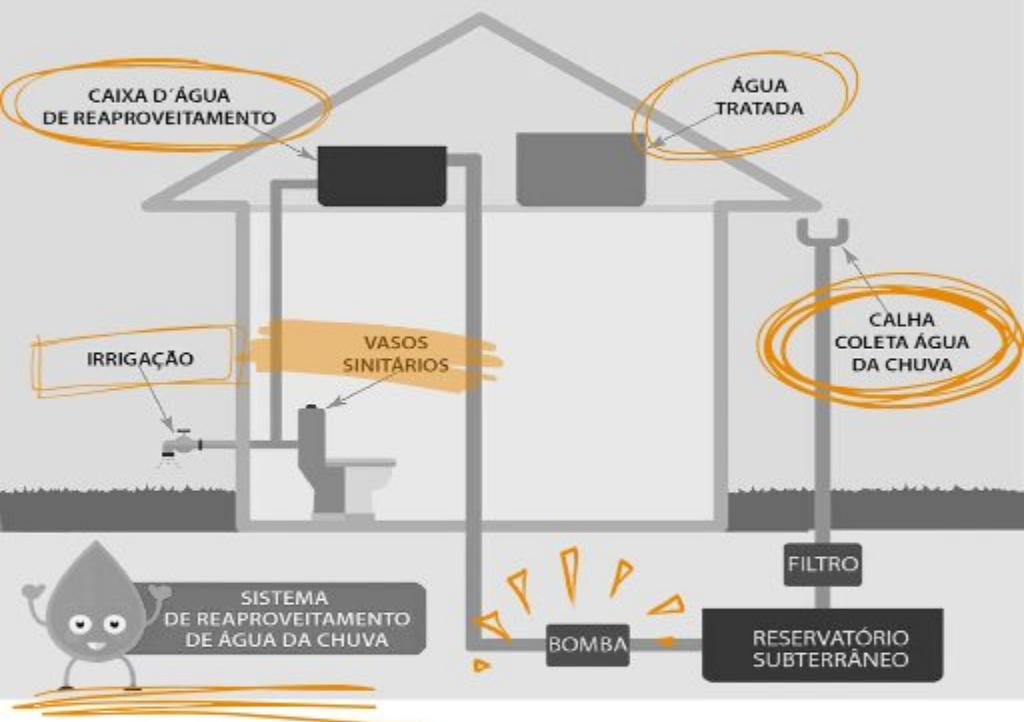
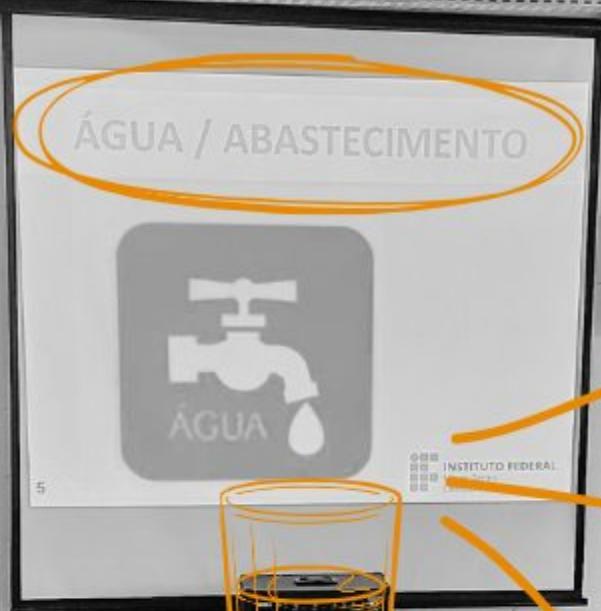


Imagem: Reaproveitamento de Água - <https://construtorelf.com.br/reaproveitamento-da-agua-da-chuva/>

Verônica é graduada em Engenharia de Produção Civil, além de possuir mestrado e doutorado em Engenharia Civil. Seus estudos têm ênfase em hidrologia, hidráulica, drenagem urbana, vazão ecológica e modelagem de sistemas ambientais.



Fonte: Acervo do Curso - Fala da professora Verônica Bernardes

Daniel Miranda continuou a palestra, abordando esgotamento sanitário, panorama e tratamento. Ele é enfático:

"A gente tá falando, se a gente somar esses dois índices aqui, 65% da população brasileira apenas, conta com esgoto tratado" (Daniel Mirandá, professor do IFMG Campus Santa Luzia).



Imagem: Dados sobre esgotamento sanitário no Brasil - ANA, 2018

A falta de tratamento de esgoto adequado é um problema grave que assola grande parte da população brasileira. Além disso, a questão afeta negativamente o meio ambiente, poluindo rios e nascentes, além de causar prejuízos irreparáveis à fauna e à flora local.

Posteriormente, a professora Verônica falou sobre drenagem urbana, ciclo hidrológico, cheias urbanas, problemas com a água da chuva e tipos de sistemas de drenagem.

Com a urbanização, a gente acaba afetando o ciclo hidrológico. O que que a gente faz? Impermeabiliza o solo. (Verônica Bernardes, professora).

A professora refere-se aqui ao hábito comum observado em diversas cidades da atualidade: para lidar com a água das chuvas, as pessoas acreditam que a solução mais assertiva é pavimentar todo o entorno, o que dificulta ou até mesmo impede a absorção de água pelo solo.

Para finalizar, Daniel falou sobre resíduos sólidos, nome técnico para lixo. Ele abordou rapidamente a NBR 10.004/2004, bem como partes da constituição que tratam do assunto e também a política nacional de resíduos sólidos. Depois o professor explicou quais os procedimentos são tomados com o lixo após a saída da residência, além de explicar como funcionam os aterros sanitários.

Daniel ressaltou algumas vezes o potencial econômico do resíduo sólido dentro da sociedade, já que o mesmo pode ser gerador de emprego e renda para muitas comunidades. Ele finaliza sua fala resumindo o que foi apresentado por eles ao longo da palestra:

Porque quando a gente tá falando de saneamento básico, agora a gente já sabe que o saneamento básico tem quatro pilares: água, esgoto, drenagem e resíduo sólido. - Daniel Miranda, professor

Ao final de cada tema: saneamento básico, esgotamento sanitário, drenagem urbana e resíduos sólidos, os palestrantes mostraram tecnologias sustentáveis alternativas e outras possibilidades de serviços urbanos coletivos. O professor Eduardo Bittencourt encerrou a palestra fazendo algumas provocações aos alunos do curso:

Então a escolha de reciclar ou de jogar ali na lixeira é só essa: a gente produz uma montanha de lixo. [...] E gastar dinheiro com isso... Por isso que falta dinheiro para a habitação, para autogestão, para escola, para posto de saúde. - Eduardo Bittencourt, professor

O último momento contou com a participação de todos os presentes por meio de perguntas. Thais iniciou questionando como é feita a manutenção desses sistemas pela Copasa.



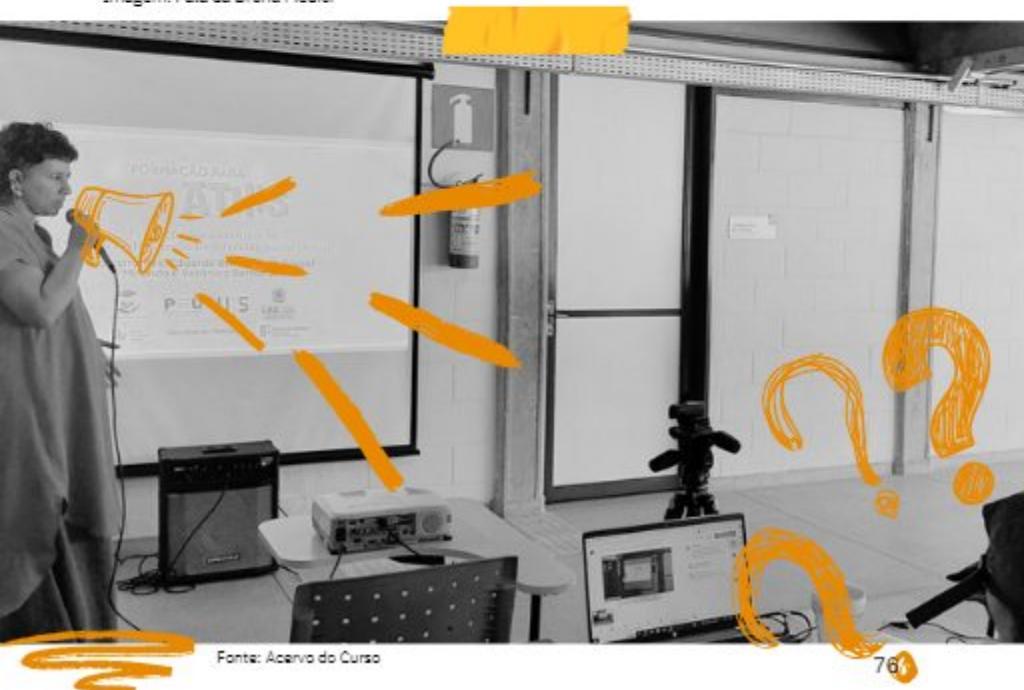
Imagen: Acervo do Curso - Fala da participante do curso Thais

Daniel falou que atualmente encontra muita dificuldade de comunicação com prefeitura e Secretaria de Obras. Além disso, disse que a Copasa atua em tecnologias mais tradicionais e essa instalação e manutenção em tecnologias menos usuais acaba ficando por conta dos próprios moradores. Quando a Copasa iniciava como sistema tradicional, observa-se que essas tecnologias alternativas são abandonadas.

Sendo assim, vê-se que apesar de parte considerável da população não ter acesso a benefícios de direito, tal como abastecimento de água e coleta de esgoto, quando encontram soluções alternativas menos usuais, deparam-se com diversos empecilhos.

Bruna Médici, arquiteta e urbanista, ex-presidente das Arquitetas Sem Fronteiras - ASF Brasil e colaboradora do curso, compartilhou sua experiência na implantação dessas tecnologias alternativas, como o TEVAP. Ela comentou que a manutenção era um problema enfrentado com frequência nas ocupações, já que o poder público não se responsabiliza por esse tipo de método. Além disso, Bruna observou que a estrutura é muito grande, o que dificultava a construção. Ela também destacou problemas em calcular o tamanho adequado para os TEVAP, considerando a variação no número de pessoas que os utilizam dentro da residência. Bruna afirmou que as estruturas têm funcionado muito bem, entretanto, vê-se a necessidade de adaptá-las a novas realidades.

Imagen: Fala de Bruna Médici



Fonte: Acervo do Curso

Daniel falou que a tecnologia tem limitações em relação a integração com a rede pública, além disso trata-se de uma tecnologia muito robusta e pesada, não adequada para ser implementada em alguns espaços. Existe a necessidade de se estudar como melhorar questões relacionadas a manutenção do sistema. Daniel afirma que talvez a fossa séptica misturada ao TEVAP seja uma solução interessante que necessita estudo, talvez seja necessária a criação de algo verticalizado ou mais compacto. Segundo ele, as alternativas têm potencial, mas necessitam de estudos. Ele gostaria de trabalhar TEVAPS mais compactos com mais manutenção.



Imagen: TEVAP - Protótipo SANEAVITA executado na Ocupação Esperança, Belo Horizonte/MG em 2022.

Ou seja, existem hoje diversos métodos alternativos que suprem parcialmente as necessidades de moradores de áreas mais afastadas ou irregulares que não contam com o saneamento básico público, entretanto, tais tecnologias ainda precisam ser mais estudadas para que evoluam de acordo com as necessidades observadas em tais lugares.

Claudiana é do norte de Minas Gerais e citou que na sua cidade não existia sistema de saneamento básico, o que gerou nela diversos problemas de saúde. Ela parabenizou os professores pelo conteúdo abordado e perguntou o que poderia ser feito para levar o saneamento básico até o interior.

"Eu sou do norte de Minas [...] eu vim para Belo Horizonte com aproximadamente 6 anos de idade. Vim para fazer um tratamento que lá não tinha. Eu vim com um problema muito sério de infecção de garganta que me causou por não ter saneamento básico no interior. E todos os problemas de saúde que eu tenho é por falta do saneamento básico no interior" (CLAUDIANA, 2023).

Imagem: Acervo do Curso - Fala da participante do curso Claudiene



Verônica ressaltou que o saneamento básico teoricamente é um direito, entretanto não é colocado em prática. Sugeriu utilizar essas técnicas alternativas e buscar apoio de instituições de ensino e demais instituições.

Daniel comentou que muitas pessoas participam do processo de formação para desenvolvimento dessas tecnologias, porém no momento da execução houve pouca adesão. A dificuldade relacionava-se a falta de tempo e pagamento, já que o trabalho na maioria das vezes era voluntário. Ele disse que uma alternativa seria a destinação de verbas de compensação ambiental para projetos na área.

Instituições de ensino têm papel muito importante, pois por meio de projetos de extensão como este, promovem a troca de conhecimento com a comunidade local e desenvolvem parcerias muito significativas para melhorar a qualidade de vida de milhares de pessoas. Vale ressaltar, que ainda que tais parcerias sejam muito benéficas, é função do poder público garantir o que é de direito de famílias e comunidades, neste caso, saneamento básico de qualidade.

7.1 - Dinâmica de Grupo

Foi elaborada uma dinâmica interativa que, lamentavelmente, não pôde ser realizada devido à falta de tempo decorrente de outras atividades ao longo do dia.

A proposta da dinâmica era proporcionar uma experiência prática e participativa, na qual os participantes poderiam explorar e discutir questões relacionadas ao tema do saneamento básico. A ideia era envolver os participantes em atividades colaborativas, incentivando a reflexão e o debate sobre diferentes aspectos do saneamento.

Apesar da impossibilidade de realizar a dinâmica conforme planejado, o conteúdo deste material foi suficientemente informativo e esclarecedor para abordar as questões essenciais relacionadas ao saneamento básico.

Segue abaixo uma cópia do material de apoio que havia sido preparado para a dinâmica:

OFICINA VI

ATIVIDADE: ESCOLHA DOS SISTEMAS DE INFRAESTRUTURA

esgotamento sanitário

OFICINA VI

ATIVIDADE: ESCOLHA DOS SISTEMAS DE INFRAESTRUTURA

ETES COMPACTAS E BIODIGESTORES

AMBOS SÃO EQUIPAMENTOS PARA TRATAMENTO DE RESÍDUOS ORGÂNICOS

ETES COMPACTAS: mesma estrutura de uma estação de tratamento normal, porém com equipamentos compactos.

BIODIGESTORES: é uma câmara fechada onde acontece a digestão da matéria orgânica sem oxigênio. O gás produzido é armazenado e pode ser aproveitado como gás de cozinha.



ETES COMPACTAS: Equipamento pré-fabricado. No geral, são feitas com chapas de aço protegidas e fibra de vidro.

BIODIGESTORES: existem muitos modelos, o mais usado pode ser feito de alvenaria.

Custo e frequência de manutenção maiores se comparado a outros sistemas.

IMPACTOS AMBIENTAIS

Se não forem feitos corretamente podem causar contaminação do solo e da água.

FONTE CONSULTADAS

Manual de saneamento turístico, 2007
Tratamento de esgotos domésticos em comunidades isoladas: referencial para a escolha de soluções, UNICAMP 2018.

ATIVIDADE: ESCOLHA DOS SISTEMAS DE INFRAESTRUTURA

FOSSAS RUDIMENTARES

E o método mais utilizado no Brasil. São buracos profundos escavados no solo, podendo ter impermeabilização parcial ou não, onde é feito o lançamento do esgoto bruto.



Geralmente a escavação é feita por trabalhadores com experiência, a profundidade é variável de acordo com a capacidade aparente da terra de absorver o esgoto que são lançados diretos na fossa.

Deve ser cuidado para que o volume do buraco não encha de esgoto, quando a fossa precisa ser esvaziada por caminhão-bomba ou extinta e se construir outra. É vista como forma de tratamento que resolve aspectos de saúde pública.

IMPACTOS AMBIENTAIS

Pode causar contaminação do solo e das fontes de água. Pode afetar a estabilidade do terreno.

FONTES CONSULTADAS

Tratamento de esgotos domésticos em comunidades isoladas: referencial para a escolha de soluções. UNICAMP, 2018.

OFICINA VI
 ATIVIDADE: ESCOLHA DOS SISTEMAS DE INFRAESTRUTURA

FOSSAS SÉPTICAS

Nesta solução, são utilizados três reservatórios conectados. **O esgoto** é conduzido por meio de tubos de uma caixa a outra. Dentro das caixas, microorganismos são responsáveis pela degradação anaeróbia (sem oxigênio) da matéria orgânica contida no esgoto. O esgoto tratado torna-se biofertilizante.



Podem ser feitos com caixas de fibrocimento ou fibra de vidro, anéis de concreto, caixas de polipropileno. É interessante manter a temperatura do sistema pintando a tampa de preto. Importante instalar respiros.

A limpeza do vaso deve ser feita com sabão neutro. Trata apenas esgoto de descargas. Recomendada adição mensal de esterco bovino fresco com adição de microorganismos. Man-

IMPACTOS AMBIENTAIS

Se não forem feitos corretamente podem causar contaminação do solo e da água.

FONTES CONSULTADAS

Tratamento de esgotos domésticos em comunidades isoladas: referencial para a escolha de soluções. UNICAMP, 2018.

OFICINA VI

ATIVIDADE: ESCOLHA DOS SISTEMAS DE INFRAESTRUTURA

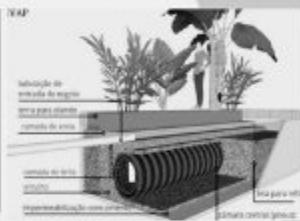
TEVAP E CÍRCULO DE BANANEIRA

TEVAP: trata resíduos do vaso sanitário e aproveita água e nutrientes para plantas. Dividido em 3 partes: compartimento central que recebe o esgoto inicial e inicia a digestão, camada filtrante e área plantada com bananeiras. Microrganismos degradam o esgoto de modo anaeróbico.

CÍRCULO DE BANANEIRA: Escavação em forma de círculo coberto com galhos e palha, utilizado para tratar águas cinzas da residência. Ao redor são plantadas bananeiras e/ou outras plantas.

O círculo de bananeira é uma solução mais simples e barata, já o TEVAP exige um sistema de complexidade um pouco maior. Ambos podem necessitar de apoio técnico.

TEVAP: baixa manutenção.
 CÍRCULO DE BANANEIRA: manutenção média.



IMPACTOS AMBIENTAIS

Deve-se evitar sobrecarga do sistema impedindo a entrada de águas de enxurradas ou quaisquer de rejeitos superior à capacidade da unidade.

FONTES CONSULTADAS

Tratamento de esgotos domésticos em comunidades isoladas, UNICAMP, 2018. SANEAVITA, 2002.

OFICINA VI

ATIVIDADE: ESCOLHA DOS SISTEMAS DE INFRAESTRUTURA

WETLANDS E OUTRAS SOLUÇÕES INTEGRADAS AO USO DE ESPÉCIES VEGETAIS

As **Wetlands artificiais** são sistemas construídos para em canais ou lago rasos para abrigar plantas aquáticas simulando um ecossistema natural. É uma alternativa de tratamento biológico quando ocorre o lançamento de esgoto diretamente nos cursos d'água.

As espécies que serão utilizadas precisam ser nativas para não causar nenhum dano ao ecossistema, por isso, existem vários tipos de Wetlands.

Esse sistema não é considerado caro, no entanto, a sua desvantagem é precisar de uma área muito grande para sua construção. A manutenção do sistema deve ser constante.



IMPACTOS AMBIENTAIS

Permite um controle ambiental evitando enxurradas, o assoreamento dos rios, controle da qualidade das águas, proteção de fauna e flora.

FONTES CONSULTADAS

C.S. Émilin, 2019.

OFICINA VI

ATIVIDADE: ESCOLHA DOS SISTEMAS DE INFRAESTRUTURA

drenagem

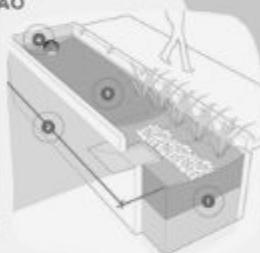
OFICINA VI

ATIVIDADE: ESCOLHA DOS SISTEMAS DE INFRAESTRUTURA

JARDINS DE CHUVA, TRINCHEIRA DE INFILTRAÇÃO, RESERVATÓRIOS, DIQUES, POCOS DE RETENÇÃO

Jardim de chuva capta água pluvial, cria espaços de armazenamento do escoamento superficial que facilitam sua infiltração no solo.

Trincheira de infiltração reservatório preenchido com material granular, absorve o volume escoado superficialmente gerado pelas precipitações pluviométricas, diminuindo a precipitação efetiva, vantagem: Ganhos financeiro, e reduzem as dimensões das redes de drenagem à jusante. **Reservatório, poços de retenção** São equipamentos de acumulação temporária das águas pluviais.



Jardim de chuva: Plantas nativas e vegetação resistente adaptável a mudanças (quantidade de água) custo estimado R\$ 172,14 / m², mão de obra especializada/ou conhecimento de vivência, tempo de execução a depender de fatores.

Os jardins de chuva devem passar por remoção de sólido entre 15 e 34 meses para evitar entupimento, e ideal que o solo esteja seco, para o plantio recomenda-se o início da primavera ou início do outono.

IMPACTOS AMBIENTAIS

Ajuda na recarga do lençol freático, melhora a qualidade urbano ambiental.

FONTE CONSULTADAS

Catálogo SIN.

OFICINA VI

ATIVIDADE: ESCOLHA DOS SISTEMAS DE INFRAESTRUTURA

SARJETA, BOCA DE LOBO E GALERIAS

ELEMENTOS QUE COMPOEM UM SISTEMA DE MICRODRENAGEM

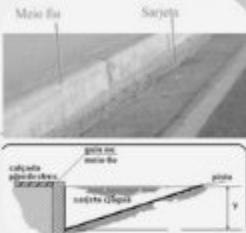
SARJETÕES: São formados pela própria pavimentação nos cruzamentos das vias públicas, formando calhas que servem para orientar o fluxo das águas que escorrem pelas sarjetas.

BOCAS-DE-LOBO: São dispositivos de captação das águas das sarjetas.

GALERIAS: São as canalizações públicas destinadas a escoar as águas pluviais oriundas das ligações privadas e das bocas-de-lobo.

Para um bom funcionamento a execução precisa ser realizada cuidadosamente, (pavimentos das ruas, guias e sarjetas, e galerias da águas pluviais).

Ter uma manutenção permanente, com limpeza e desobstrução das bocas de lobo e das galerias antes das épocas chuvosas. Esses serviços são realizados pelas gerências regionais de manutenção da Subsecretaria de Zeladoria Urbana (Suzurb).



IMPACTOS AMBIENTAIS

Alagamentos nas vias públicas, inundações, prejuízos financeiros e físicos.

FONTE CONSULTADAS

Aula 02 - SISTEMAS E DISPOSITIVOS DE MACRO E MICRODRENAGEM URBANA.

UFOP - convencional.

AUT 0102 - Infraestrutura Urbana e Meio Ambiente 2015.

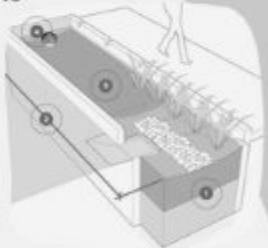
OFICINA VI

ATIVIDADE: ESCOLHA DOS SISTEMAS DE INFRAESTRUTURA

JARDINS DE CHUVA, TRINCHEIRA DE INFILTRAÇÃO, RESERVATÓRIOS, DIQUES, POÇOS DE RETENÇÃO

Jardim de chuva capta água pluvial, cria espaços de armazenamento do escoamento superficial que facilitam sua infiltração no solo.

Trincheira de infiltração reservatório preenchido com material granular, absorve o volume escoado superficialmente gerado pelas precipitações pluviométricas, diminuindo a precipitação efetiva, vantagem: Ganhos financeiro, e reduzem as dimensões das redes de drenagem à jusante. **Reservatório, poços de retenção** São equipamentos de acumulação temporária das águas pluviais.



IMPACTOS AMBIENTAIS

Ajuda na recarga do lençol freático, melhora a qualidade urbano ambiental.

FONTE CONSULTADAS

Catálogo SIN.

Jardim de chuva: Plantas nativas e vegetação resistente adaptável a mudanças (quantidade de água) custo estimado R\$ 172,14 / m², mão de obra especializada/ ou conhecimento de vivência, tempo de execução a depender de fatores.

Os jardins de chuva devem passar por remoção de sólido entre 15 e 34 meses para evitar entupimento, e ideal que o solo esteja seco, para o plantio recomenda-se o início da primavera ou início do outono.

OFICINA VI
 ATIVIDADE: ESCOLHA DOS SISTEMAS DE INFRAESTRUTURA

PAVIMENTOS PERMEÁVEIS

São os tipos de pavimentos que permitem a passagem de ar e água, ele é capaz de suportar cargas e ao mesmo tempo permitir o acúmulo temporário de água, diminuindo o coeficiente de escoamento superficial. Tem como finalidade absorver a água.



Toda a estrutura deve ser permeável não só o revestimento, o custo é mais elevado em comparação aos convencionais, além das variáveis: tipo do piso e até localidade, a qualidade da mão de obra e um requisito para a execução correta, tempo de execução e variável a depender do piso da localidade dentre outros fatores que alteram.

É importante a manutenção anual, para assim manter as características e suas funcionalidades ao longo do tempo, pois a uma redução da capacidade de infiltração de até 80% com o passar do tempo.

IMPACTOS AMBIENTAIS

Ajudar na prevenção das enchentes, reduz as ilhas de calor, recarga dos aquíferos subterrâneos e manutenção das vazões dos cursos d'água em épocas de seca.

FONTES CONSULTADAS

13 passos pavimentos permeáveis.

OFICINA VI
 ATIVIDADE: ESCOLHA DOS SISTEMAS DE INFRAESTRUTURA

BACIA DE DETENÇÃO, RESERVATÓRIOS OU CAIXAS DE CAPTAÇÃO

Bacia de detenção é um tanque com espelho d'água permanente, planejado para diminuir o volume das enxurradas, estabilizar cerca de 80% dos sólidos em suspensão e controla biologicamente os nutrientes. Ficam secas na maior parte do tempo. **Reservatório ou caixa de captação** é um local de captação e armazenamento de água de chuva.



A implantação da bacia requer conhecimento de topografia e rede hidrográfica, tipo de solo e de ocupação, requer o cálculo do hidrograma do escoamento da bacia de drenagem necessário mão de obra especializada, custo de implantação corresponde à somente 9% do custo global do sistema de drenagem.

As bacias de detenção abertas a manutenção é mais rápida e econômica, é feita pela prefeitura local, durante a manutenção e controle, e também capina e roçada. A manutenção preventiva e corretiva dos dispositivos de controle de cheias é essencial para a boa funcionalidade das bacias.

IMPACTOS AMBIENTAIS

Ocupa grandes áreas; risco de poluição de aquíferos no caso de bacias de infiltração; risco de proliferação de insetos e doenças veiculadas por eles.

FONTES CONSULTADAS

file:///C:/Users/Familia/Downloads/bacias%20de%20detencao.pdf

CAP. 08

**ATHIS para Bairro e Meio
Ambiente - Oficina VII**

8. ATHIS para Bairro e Meio Ambiente - Oficina VII

Palestrante: Edna da ATCOOPIZIDORA, Ocupação Esperança

Responsável pelo texto: Bruna Camposano, Sara Letícia e Stefany

"A gente sabe como construir, a gente já está aqui há 10 anos."
 (EDNA, 2023).

A oficina VIII do dia 25/11/23 no período da manhã foi extraordinariamente marcante, transcendendo os convencionais limites da sala de aula. Nesta experiência singular, Edna, destacada líder da Ocupação Esperança, desempenhou papéis multifacetados: uma palestrante inspiradora, uma contadora de histórias envolventes, uma guia técnica do território e uma personificação vibrante da comunidade em luta.

MAPA DE PROJETOS E AÇÕES COMUNITÁRIAS

OFICINA VII ATHIS para o bairro e o meio ambiente

INSTRUTORAS

- CURADOS AMBIENTAIS (PLANTARÇÃO DE ÁRVORES, PLANTARÉIS HORTA TALCAU)
- CURADOS COM AS MUÍAS (CURADO DE LAGOS)
- CURADOS COM AS MASCARES
- PROTEÇÃO DO SOLO - TRANSVERMELHAS DE DRENAGEM E PAVIMENTAÇÃO
- CURADOS COM OS CERAMICOS (CURADO DA CHAMA (CONTAGEM COMO CHAMA) E CURADO DO FOGO (CURADO DA CHAMA))
- CAPTAÇÃO DA ÁGUA DA CHAMA
- CONTINUAÇÃO DE INCOSTAS
- CURADO COM AS CERÂMICAS (2 - CURADO DE TACHINHA E 3 - CURADO DE TERRA)
- CURADO COM ÁGUA
- SERVIRÁ - IMPACTAÇÃO DE TERRA/ÁGUA/CICLO DE DRENAGEM
- FORA COMUNITÁRIA E TANQUE DE PECES

— PERCURSO DA OFICINA

PROJETOS COMUNITÁRIOS

- 1 - PATO DE COMPOSTASAN
- 2 - OFICIO FLUVIO DO ESPERANÇA
- 3 - HORTA DA ESPERANÇA
- 4 - RECANTO DA ESPERANÇA



MAPA DE PROJETOS E AÇÕES COMUNITÁRIAS



ARQUITETAS DEH - BROTHERS

INSTITUTO FEDERAL
 DE SÃO PAULO

CAU/SP

O trajeto da visita à ocupação Esperança foi meticulosamente planejado e apresentado por meio de mapas detalhados entregues no dia, proporcionando aos alunos uma visão abrangente dos pontos cruciais do território. A caminhada, longe de ser um mero passeio, seguiu os trajetos diários dos moradores locais. Edna não apenas liderou, mas mergulhou os alunos em uma jornada pelas realidades cotidianas da comunidade. Cada esquina e marco revelava não apenas a geografia, mas também as histórias de resiliência e superação que ecoavam entre os moradores.



Imagem: instrução percurso mapa pelo Professor Eduardo Bittencourt.



Imagem: Início da aula





Imagen de solsticio de verano

81



Imagem: Bolsistas no território e a líder Edna Gonçalves.

A Ocupação Esperança, indo além de um simples espaço físico, transformou-se em um espaço onde a busca por moradia digna se desenrola diariamente. Ao percorrer os mesmos caminhos dos residentes, os alunos não apenas compreenderam os desafios enfrentados, mas também testemunharam a resiliência que caracteriza a Ocupação Esperança. A experiência prática foi uma lição viva sobre a interseção entre moradia, meio ambiente e luta social.

Edna não foi apenas uma guia geográfica, mas uma líder que personificou a resistência. Sua presença inspiradora transmitiu a importância da liderança comunitária na busca por soluções habitacionais e na superação de obstáculos. Ela não apenas compartilhou sua história, mas tornou-se uma voz viva para a comunidade. A entidade Associação dos Trabalhadores Cooperados Esperança - Izidora (ATCOPEIZIDORA) foi criada pelos moradores para promover um crescimento das ações comunitárias através da captação de recursos, da criação de ações de geração de renda e trabalho para os moradores associados e para representar a comunidade perante o poder público.

Quanto à metodologia, esta foi delineada em etapas distintas, com o objetivo de integrar teoria e prática de maneira sistemática e estruturada. O ponto inicial consistiu na entrega de mapas detalhados, que transcendem sua função tradicional ao servirem como dispositivos introdutórios interativos aos elementos cruciais do território da Ocupação Esperança. Os mapas apresentam não apenas os aspectos topográficos, mas também informações relevantes aos projetos comunitários e desafios enfrentados pela comunidade.

A caminhada, orientada por Edna, proporcionou uma compreensão mais imersiva e vívida do ambiente circunvizinho. Pontos de interesse foram identificados ao longo do percurso, indo além da geografia para abranger dimensões comunitárias e ambientais. Edna desempenhou um papel crucial ao elucidar esses pontos, engajando os participantes em reflexões sobre os desafios intrínsecos à comunidade. Essa abordagem visou estabelecer uma conexão substancial entre as abstrações acadêmicas e a materialidade presente na Ocupação Esperança.

Um aspecto distintivo da atividade foi a interação direta com os moradores locais, proporcionando aos participantes uma compreensão aprofundada das narrativas de vida, desafios cotidianos e vivências comunitárias. Essas conversações espontâneas representaram um componente valioso para a obtenção de uma compreensão abrangente, transcendendo o escopo acadêmico tradicional.

A estrutura metodológica permitiu que a atividade atingisse seus objetivos, oferecendo uma experiência de aprendizado prático e imersivo aos participantes, alinhando-se com os preceitos acadêmicos e técnicos propostos.

Quanto ao roteiro das atividades, a saída do IFMG às 8h15 para a caminhada até a Ocupação Esperança marcou o início do passeio, acompanhado pela comunidade. A programação incluiu visitas a locais significativos, como o Pátio de Compostagem, a Creche Comunitária, a Horta e Tanque de Peixes, e o Parque das Ocupações. O término das atividades às 11h45 foi seguido por um almoço na horta comunitária, proporcionando uma visão mais aprofundada das ações em prol do meio ambiente e do bem-estar comum da comunidade, apresentadas pelas lideranças locais (Dão, Ana, Paulinha).



Imagen: Aula no território.

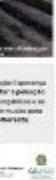
Durante a dinâmica no local, os participantes tiveram acesso a fichas resumo com os principais projetos comunitários existentes ao longo do percurso. Com estas informações buscou-se reforçar a capacidade de construção coletiva daquela comunidade e demonstrar como que as práticas sócio-ambientais observadas na autoprodução do espaço representam uma potência autônoma daqueles moradores em decidir, planejar e executar ações para atender às suas necessidades.

**OFICINA VI - ATHIS PARA O BAIRRO E O MEIO AMBIENTE
PÁTIO DO COMPOSTORUS**



A proposta desenvolveu uma estrutura para o tratamento de resíduos sólidos orgânicos, com a criação de uma estrutura de metal para as necessidades por um projeto de compostagem autônoma que geraria compostos para montar os sistemas de irrigação da comunidade por meio de estruturas hortas hidráulicas.

**OFICINA VII - ATHIS PARA O BAIRRO E O MEIO AMBIENTE
CRECHE FILHOS DO ESPERANÇA**



Projeto da creche Filhos do Esperança é um espaço destinado a atender a demanda de 300 crianças de 0 a 5 anos de idade, com estrutura destinada a garantir a segurança e a saúde das crianças. A estrutura é composta por 3000m² com projeto de ampliação para atender a demanda de 600 crianças, com a estrutura de 1000m² e a ampliação de 2000m².



Para a estruturação da creche foram utilizados materiais de construção sustentáveis, com a utilização de madeira tratada e reciclada, e a estruturação de um projeto que atende a um espaço para Formação de professores e um ambiente para realização de aulas ministradas.

**OFICINA VII - ATHIS PARA O BAIRRO E O MEIO AMBIENTE
RECANTO DO ESPERANÇA**



Este projeto é uma proposta para a criação de um espaço destinado a atender a demanda de crianças de 0 a 5 anos de idade, com estrutura destinada a garantir a segurança e a saúde das crianças. A estrutura é composta por 3000m² com projeto de ampliação para atender a demanda de 600 crianças, com a estrutura de 1000m² e a ampliação de 2000m².



A comunidade busca implementar o projeto Recanto do Esperança, sobretudo com a criação de um espaço destinado a atender a demanda de crianças de 0 a 5 anos de idade, com estrutura destinada a garantir a segurança e a saúde das crianças. A estrutura é composta por 3000m² com projeto de ampliação para atender a demanda de 600 crianças, com a estrutura de 1000m² e a ampliação de 2000m².

**OFICINA VII - ATHIS PARA O BAIRRO E O MEIO AMBIENTE
HORTA DA ESPERANÇA**



É uma iniciativa comunitária para a criação de uma horta comunitária destinada a atender a demanda de 300 pessoas, com a criação de um espaço destinado a garantir a segurança e a saúde das pessoas. A estrutura é composta por 3000m² com projeto de ampliação para atender a demanda de 600 pessoas, com a estrutura de 1000m² e a ampliação de 2000m².



Este projeto é destinado a atender a demanda de 300 pessoas, com a criação de um espaço destinado a garantir a segurança e a saúde das pessoas. A estrutura é composta por 3000m² com projeto de ampliação para atender a demanda de 600 pessoas, com a estrutura de 1000m² e a ampliação de 2000m².

Imagen: Projetos Comunitários em desenvolvimento na comunidade.

CAP. 09

ATHIS para Segurança da
Posse - Oficina VIII



QR CODE ACESSO AO
CONTEUDO YOUTUBE

09. ATHIS para Segurança da Posse - Oficina VIII

Palestrantes: Túlio Colombo Corrêa e Daniel Menezes

Responsável pelo texto Lourdes Diniz (discente bolsista)

Como a regularização fundiária pode garantir mais do que a escritura e preservar a segurança da posse de famílias e comunidades de permanecer em seus lugares e manter suas formas de vida construídas no dia a dia?

8.1 PALESTRA

A Oficina VIII teve como objetivo discutir desafios relacionados à segurança da posse e explorar estratégias para garantir a permanência nas moradias, considerando que a Regularização Fundiária é um conteúdo de atuação da ATHIS, junto com a construção e a melhoria da moradia.

A Oficina começou com uma introdução provocativa por Eduardo Bittencourt, que colocou a importância da regularização fundiária no contexto da ATHIS e como ela deve estar relacionada e se desenvolver junto a todos os outros temas do curso e da prática da assistência técnica: a produção da moradia, o entorno do bairro, o meio ambiente, etc. Em sua abertura ainda colocou como que o avanço sobre os desafios neste tema serão superados a partir da ação direta e contínua de cada um envolvidos e demandantes da ATHIS, sobretudo por mobilizar problemas capitais, como a propriedade da terra, desapropriações, áreas de proteção permanente, áreas públicas ou privadas, indenizações e principalmente por demandar o protagonismo do poder público na promoção da regularização fundiária.

A noção convencional do tema considera-o como um processo jurídico, urbanístico, social e documental que busca garantir a segurança da posse através da conquista da propriedade da terra e dos imóveis envolvidos mas, na perspectiva da regularização fundiária plena, busca-se não só a formalidade da posse do espaço ocupado mas também a preservação da segurança da vida continuar como foi constituída pelos seus habitantes. Em diversos casos, a falta dessa abordagem integral faz com que o custo de vida seja aumentado, após a formalização da moradia ou da comunidade, o que impede os seus moradores de continuarem morando no local. Ou então, a dinâmica do local, após a regularização é alterada com a substituição de pessoas, a transformação dos usos e formas de ocupação no entorno dos espaços regularizados deixando o bairro onde os beneficiários moravam muito diferente das suas condições originais e fazendo que não se sintam mais realizados e pertencentes daqueles espaços regularizados.

A ATHIS pode ser uma ferramenta para contribuir com o engajamento dos beneficiários da regularização fundiária para que consigam garantir um processo que seja o que desejam para seu futuro, conquistando a tão buscada segurança na luta urbana e pela moradia mas sem perder o direito de manter o seu lugar e as suas formas e práticas de vida, sem que o desenvolvimento de uma região signifique em perdas de elementos importantes para a qualidade de vida de todos na cidade.



Foto: A turma durante a palestra.
Fonte: Arquivo pessoal.

Após a introdução, o arquiteto Túlio Araújo então iniciou sua apresentação: "ATHIS regularização fundiária e direito à moradia"

Ressaltou a importância da introdução que lembrou dos princípios da RF e trouxe também a importância da participação dos usuários nos processos e também da noção de território, uma forma de ver o objeto regularizado que não é só lote, o terreno, o imóvel mas as outras formas de territorialidade que são garantidas com a regularização fundiária plena.

Na primeira parte da palestra, Túlio trouxe explicações sobre conceitos básicos mobilizados nas políticas de regularização fundiária: quem possui e quem é proprietário, quem não tem a propriedade tem menos direitos mesmo que exerce a posse, realidade que as políticas de regularização de interesse social buscam transformar, sobretudo em áreas onde o exercício da posse nunca foi promovido pelo detentor de título ou registro formal sobre o território. Essa política pública busca garantir que quem exerce efetivamente a posse tenha também o direito à propriedade.

Apontou que a irregularidade no registro da propriedade é observada em uma grande parte das terras urbanas nas cidades brasileiras, se apresentando como um desafio para a sociedade. O palestrante ressaltou princípios de orientação da regularização fundiária colocados pela Organização das Nações Unidas (ONU) que reforçam a importância de promoção da política de forma interdisciplinar e integrada.



Palestrante Daniel Moniz

Palestrante Túlio Colombo

Palestrante Túlio arquiteto e urbanista falou sobre a diferença de morar e de ser proprietário, não é porque você mora em determinado lugar que você tem direitos de posse, vai além disso o proprietário possui maior direito, ele nos apresentou algumas diretrizes para Garantia de Posse, e alguns tipos de regularização: Regularização Fundiária, Regularização Urbana Social (REURB-S), Regularização Urbana Especial (REURB-E) e quais são os Requerentes da Regularização Urbana. Foi falado sobre o programa Vila Viva, e a luta pela posse o que seria proporcionar a segurança direito de viver, falamos e analisamos conceitos da regularização fundiária do que seria a regularização fundiária plena.

Túlio trouxe reflexões sobre o significado e definição de quem é o "dono" digamos de quem são os direitos de tão espaço, o que a pessoa pode ou não fazer com um espaço que ela ocupa, e a questão de várias pessoas sequer saber dos seus direitos pelo espaço que ocupa, não saber nem se o que ela tem em mãos te daria algum direito, são famílias que estão a mercê de terceiros por simplesmente serem leigas, e passarem isso de geração a geração que não sabem da importância de tais documentos.

Túlio cita as irregularidades que muitas das vezes os próprios moradores não estão 100% cientes, por talvez confundirem quem possui e quem é proprietário quem tem mais direitos? O proprietário entra com maior direito que o possuidor, que pode ter vivido a vida inteira naquele espaço e criado uma família inteira em tal situação, além dos vínculos adquiridos ali.



Figura: Impactos da Regularização Fundiária.
Fonte: Elaboração própria a partir de relatório da ONU³

³ Estes princípios fazem parte do relatório temático sobre segurança da posse dos pobres urbanos apresentado pela Relatora Especial para o Direito à Moradia Adequada, Raquel Rolnik, na 25ª Sessão do Conselho de Direitos Humanos da ONU, em Março de 2010. O documento completo de referência utilizada consta em: http://www.direitoemordadia.fau.usp.br/wp-content/uploads/2014/04/guidelines_PT_DUPLAS.pdf

Em seguida, acrescentando um desafio grande para a regularização fundiária e as ações de assistência técnica que podem contribuir para seu avanço, Daniel Menezes fala sobre o surgimento do Quilombo, os desafios e lutas enfrentados pelos Quilombolas através da palestra: *“Como surge um quilombo: regularização fundiária de território remanescente de quilombo”*.

Daniel apresentou informações fundamentais para a compreensão sobre o que são os Povos e Comunidades Tradicionais, assentamentos rurais e urbanos que tem direito à regularização fundiária por meio do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), conforme a legislação federal vigente. Aprendemos sobre o que define uma comunidade quilombola: territórios remanescentes de quilombo que tem pessoas com relação histórica com esse espaço, que possui ancestralidade negra com um histórico de resistência no território. Conhecemos as especificidades da assistência técnica e das necessidades destas comunidades nos processos de regularização, como a autodefinição, o reconhecimento de suas práticas cotidianas e a obrigação de proceder a livre consulta prévia e informada em qualquer procedimento de assistência técnica.



Figura: Quilombos Urbanos.
Fonte: Arquivo pessoal Daniel Menezes

8.2 DINÂMICA DE GRUPO

Dinâmica de Grupo – Regularização fundiária

Foi organizado dois grupos distintos, separados por tipologias de território da regularização (loteamentos irregulares, vilas e favelas, conjuntos habitacionais e comunidades tradicionais), posteriormente começamos a desenvolver propostas de regularização dos territórios isso conforme o que foi passado ao longo do curso, e a bagagem que os alunos já tinham anteriormente, aprendizados ao longo da vida, e como moradores viventes ou conhecistes de tais situações.

Cortiços



Fonte: Repórter

Que se caracterizam como habitações coletivas em prédios ou casas em estados de decadência, geralmente em áreas centrais da cidade.

Favelas



Fonte: Repórter

Que se caracterizam como ocupação informal, desordenada e carente de infraestrutura.

Loteamentos clandestinos ou irregulares



Fonte: Repórter

Que se caracterizam por ter um traçado mais regular, mas não possuem aprovação ou licenciamento da prefeitura ou são construídos diferentes da aprovação e não há a implementação da infraestrutura obrigatória.

Palafitas, margem de rios e canais



Fonte: Folhapress

Erguidas nas margens dos rios e canais.

Figura: Tipologias de assentamentos beneficiários da regularização fundiária de interesse social.

Fonte: Reprodução, Caderno Técnico Introdução à Regularização Fundiária Urbana

Foram disponibilizadas as perguntas a seguir para os grupos trabalharem e trazerem soluções possíveis e ou ideias.

¹Disponível em:
<https://www.redus.org.br/curso-introducao-a-regularizacao-fundiaria-urbana/biblioteca/6600a7e3-2079-4406-a228-a229e90bd8a8>

Pergunta geradora

Como que os conteúdos do trabalho da ATHIS (métodos de trabalho, participação, moradia, infraestrutura, meio ambiente) podem garantir que as pessoas fiquem no lugar que estão e da forma como vivem após a regularização fundiária e as melhorias habitacionais e urbanísticas?

Perguntas provocadoras discurso, de lugar de fala, com que métodos, com que técnicas, com que recursos:

- Como podemos pensar a participação das pessoas para que os direitos à cidade e a moradia sejam garantidos?
- Como que os técnicos podem trabalhar no processo da regularização fundiária
- Como que a melhoria e a produção da moradia pode participar de uma regularização que garanta a segurança da posse e a qualidade de vida?
- Como que a urbanização do lugar pode contribuir para o atendimento das necessidades coletivas e a preservação das práticas e espaços existentes da comunidade?
- Como que a regularização fundiária pode garantir reconhecimento das práticas cotidianas das comunidades que respeitam o meio ambiente e o espaço urbano da cidade?
- Como que a regularização fundiária pode garantir mais do que a escritura e preservar a segurança da posse de famílias e comunidades de permanecer em seus lugares e manter suas formas de vida construídas no dia-a-dia?
- Como que a regularização fundiária pode garantir reconhecimento das práticas cotidianas das comunidades que respeitam o meio ambiente e o espaço urbano da cidade?

Posteriormente com base nas perguntas, os grupos após discutirem, apresentaram suas propostas em cartazes produzidos pelos mesmos com escritas, desenhos, representações etc.

A Oficina VIII, intitulada "ATHIS para a Segurança da Posse e a Regularização Fundiária", revelou-se uma experiência profundamente instrutiva e produtiva. Inicialmente, os participantes foram organizados em grupos para debater e explorar a temática. Cada grupo teve tempo para elaborar e apresentar suas considerações, estimulando debates e reflexões acerca do tema em questão. Durante as atividades em grupo, os participantes foram desafiados a refletir sobre suas experiências e propor soluções para os desafios identificados. Ademais, frases motivacionais foram expostas para incentivar a análise e a busca por soluções relacionadas à segurança de posse e aos processos de regularização fundiária.

Durante as discussões, observou-se um número significativo de dúvidas em torno da questão da posse. Muitos participantes demonstraram desconhecimento sobre sua situação em relação aos imóveis onde residem, confundindo contratos de compra e venda com escrituras. O propósito primordial foi esclarecer os direitos e deveres dos indivíduos, destacando a importância da regularização fundiária e do direito à moradia. Além disso, foi abordada a relevância e o impacto da falta de regularização, evidenciando que a ausência de um simples CEP pode privar os indivíduos de direitos básicos, como acesso à saúde, educação e segurança pública.



Figura: Cartaz de grupo participante da dinâmica de grupo
Fonte: Arquivo pessoal.

A fala de abertura desta oficina enfatizou o desafio representado pela regularização fundiária e delineou estratégias para enfrentá-lo. Durante o evento, diversos participantes compartilharam relatos de luta pela posse, destacando as dificuldades enfrentadas para garantir condições básicas de vida, como água, luz e saneamento. Foi reforçada a importância do sentimento de segurança, enfatizando a necessidade de criar um ambiente estável e acolhedor, livre de ameaças de despejo e perda de laços comunitários. As palestras proferidas pelos arquitetos Túlio Colombo Corrêa e Daniel Menezes visaram ampliar o conhecimento e oferecer orientações para a resolução dos problemas relacionados à regularização fundiária.

Ficou evidente que as dúvidas sobre o processo de regularização são generalizadas, refletindo um cenário crítico em que 50% dos imóveis no Brasil apresentam irregularidades. O problema mais comum é a falta de escritura, afetando não apenas a população de baixa renda, mas toda a sociedade.

Os palestrantes buscaram, de forma clara e objetiva, sistematizar o processo de regularização, destacando os direitos de cada indivíduo e enfatizando a importância de lutar por eles. As apresentações abordaram aspectos legais e práticos da garantia de posse da terra, além de fornecer exemplos de intervenções bem-sucedidas.

Explorou-se também a regularização de territórios quilombolas, evidenciando os desafios específicos enfrentados por essas comunidades historicamente marginalizadas. As imagens e reflexões compartilhadas pelos palestrantes enriqueceram a discussão, fornecendo insights valiosos sobre o processo de regularização fundiária.

Para concluir, o capítulo encerra-se com um debate aberto, no qual os participantes compartilham suas percepções e experiências. Fica claro que a segurança de posse e a regularização fundiária desempenham um papel fundamental na promoção da justiça social e da inclusão urbana. Por meio de palestras inspiradoras, dinâmicas interativas e debates produtivos, a oficina proporcionou uma experiência educativa e enriquecedora para todos os envolvidos. Este capítulo visa compartilhar essas experiências e conhecimentos, estimulando uma reflexão contínua sobre os desafios habitacionais e o acesso universal à moradia digna e segura no Brasil.

A dinâmica de grupo foi concebida visando proporcionar uma experiência participativa e colaborativa, na qual os participantes pudessem explorar ativamente os desafios e soluções relacionados à regularização fundiária. Inicialmente, os grupos foram formados levando em consideração os diferentes tipos de assentamentos urbanos em estudo, reconhecendo as peculiaridades de cada contexto. Isso possibilitou uma análise mais detalhada e contextualizada, promovendo a diversidade de perspectivas durante as discussões.

Em seguida, foi estabelecida uma estrutura de tempo que permitisse aos grupos explorar o tema, discutir possíveis soluções e elaborar propostas concretas. O tempo designado para cada etapa foi cuidadosamente planejado para garantir que os participantes tivessem tempo suficiente para refletir e contribuir de forma significativa.

A apresentação das propostas foi considerada uma etapa essencial, proporcionando uma oportunidade para os grupos compartilharem suas análises e recomendações com os demais participantes. Isso enriqueceu o debate ao expor diferentes abordagens para os mesmos problemas.

Por fim, foi reservado um momento para discussão, no qual os participantes puderam expressar suas opiniões e oferecer sugestões construtivas para as propostas apresentadas. Isso visava garantir um ambiente de colaboração e aprendizado mútuo, valorizando todas as vozes.

Em resumo, a dinâmica de grupo foi cuidadosamente planejada para proporcionar uma experiência enriquecedora e produtiva, na qual os participantes pudessem contribuir ativamente para a busca de soluções para os desafios da regularização fundiária.

CAP. 10

ATHIS para Todos - Oficina IX



OR CODE ACESSO AO
CONTEUDO YOUTUBE

10. ATHIS para Todos - Oficina IX

Palestrante: José Cassimiro da Silva

Responsável pelos textos: Equipe técnica e coordenadores do curso

A última oficina da Unidade II, ocorrida na manhã do dia 9 de dezembro de 2023, foi estruturada em três partes distintas: Palestra, Exposição e Construção do Plano de Ação. Esta configuração foi concebida com o propósito de instigar os participantes a contemplar a Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social (ATHIS) em sua plenitude, consolidar as práticas abordadas nas oficinas anteriores e formular um Plano de Ação para enfrentar os desafios identificados, por meio de uma dinâmica colaborativa de sistematização.

O primeiro momento consistiu na Palestra proferida por José Cassimiro, intitulada “Peregrino nas estradas...Movimentos Populares e a Luta por Moradia em Santa Luzia - MG.” Cassimiro, reconhecido militante dos movimentos populares em Santa Luzia e Belo Horizonte, figura seminal na fundação do jornal ESTOPIM, e engajado no Movimento Sem Casa nas décadas de 1980 e 1990, sempre enalteceu a moradia como um direito humano fundamental. O objetivo primordial desta palestra foi sensibilizar os participantes para a necessidade perene de engajamento na luta pela moradia, evidenciando a continuidade imprescindível deste movimento.

O terceiro momento foi reservado para a discussão dos desafios enfrentados na implementação da ATHIS e a elaboração de um plano de ação para avançar na concretização do que preconiza a Lei 11.888/2008. Esta legislação visa garantir às famílias de baixa renda assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitações de interesse social.

10.1 Palestra “Peregrino nas estradas...Movimentos Populares e a Luta por Moradia em Santa Luzia - MG”

Palestrante: José Cassimiro da Silva

Responsável pelo texto: Bruna Camposano e Roxane Sidney

José Cassimiro da Silva mudou-se ainda criança para Santa Luzia e se tornou um importante militante em defesa aos direitos humanos no município, desde o início da década de 1980, com seus 14 anos. Cassimiro foi o editor e redator do Jornal ESTOPIM, fundado em 1986 com o intuito de ser a voz e a testemunha das lutas sociais em Santa Luzia. Como o próprio nome do Jornal diz, Estopim agregava, em suas páginas, informações sobre lutas já existentes para incentivar novas lutas e movimentos sociais, sendo o tema da moradia presente em todas as edições do jornal.

Na palestra da oficina IX, Cassimiro nos trouxe um relato emocionante e motivador sobre a história de luta pela moradia em Santa Luzia para que os presentes fossem inspirados a continuar lutando para a conquista da moradia digna. Como bem disse o palestrante, se observarmos o município de Santa Luzia, principalmente o distrito do São Benedito, quase todo ele é uma grande ocupação. Importante destacar que, nem mesmo as prestações nos conjuntos populares do Cristina e Palmital, construídos na década de 1980, que passaram abrigar uma grande quantidade de população desalojada devido enchente histórica em Belo Horizonte, eram acessíveis para muitos dos que foram para Santa Luzia, obrigando ocuparem outros lugares no entorno para morar.

Cassimiro, em sua fala, focou principalmente nos exemplos de ocupações organizadas por movimento de moradia constituído na cidade, destacando a importância da população sem casa se organizar para conseguir se estabelecer no local almejado e não serem despejados.

Permeado por detalhes vividos e registrados no Jornal Estopim, Cassimiro discorreu sobre os processos de ocupação iniciados na década de 1980, relatando os casos da Vila Santa Beatriz (1986), Nova Esperança no Rio das Velhas (1987) e Nova Esperança no Palmital (1987) e Nova Conquista (1988).

A Vila Santa Beatriz, segundo seu depoimento, foi o primeiro grande exemplo, no município de Santa Luzia, da importância da organização popular. Essa ocupação de 1986 não foi a primeira de Santa Luzia, nem do distrito de São Benedito, mas foi a primeira da cidade organizada pelo recente Movimento Sem Casa. 12 de dezembro de 1986, mais de mil famílias ocuparam a área que foi denominada pelo próprio movimento de Vila Santa Beatriz. O movimento organizou a construção coletiva das casas, a divisão das ruas e a construção do centro comunitário.

Depois da ocupação Santa Beatriz, ocorreram outras ocupações quase que simultaneamente. Em 1987, aconteceu a ocupação do terreno do Minascaixa, organizado pelo movimento sem casa, às margens do Rio das Velhas (primeira ocupação no distrito sede de Santa Luzia) que ficou conhecida como Nova Esperança. Esse episódio na história de Santa Luzia ficou bastante conhecido, devido à proporção que o movimento foi ganhando. Com a ação da polícia militar, que recebeu ordens de agir imediatamente para retirar quase 2000 famílias, o religioso local, Padre Décio, sensibilizado pela situação, conseguiu a proeza de liderar uma romaria que partiu do terreno ocupado, passando pela rua Direita para ocupar, com autorização da Arquidiocese de Belo Horizonte, a Igreja do Rosário no centro histórico do município.

Ao ocupar a igreja, o Padre Décio celebrou uma missa e o povo permaneceu acampado no local por 3 meses, o que causou um incômodo muito grande na sociedade luziense. Como muito custo, foi acordado que as pessoas seriam reassentadas para um local no bairro Paulo VI, dando origem a um novo bairro em Belo Horizonte que recebeu o nome de Ribeiro de Abreu.

Esse capítulo relatado foi um movimento vitorioso, pois significou a conquista da moradia com a infraestrutura do Estado, mesmo que por caminhos tortuosos. É instigante pensar que pessoas que saíram do centro de BH e foram morar de aluguel em Santa Luzia, não conseguindo pagar suas contas foram para ocupação e depois voltaram para BH, não para o lugar de origem, mas para a periferia da capital. Esse episódio teve um impacto nacional.

Ainda em 1987, outra ocupação, que também recebeu o nome de Nova Esperança, foi iniciada, mas de forma não organizada em terreno no bairro Palmital. Essa ocupação não deu certo e foi um triste episódio. Cassimiro cobriu o desmonte da ocupação pela polícia e, com 19 anos, ficou muito chocado com coisas que nunca tinha visto. Mais de 200 policiais, carros e tratores atuaram no desmonte. Havia crianças perdidas, pessoas gritando, pertences destruídos e perdidos. Foi um momento muito tenso, segundo o palestrante.

Em seguida, foi relatada a experiência exitosa da Ocupação Nova Conquista, em 1988. Essa se tornou uma das histórias mais bem-sucedidas de ocupação popular, marcando o Movimento Sem Casa III. Cassimiro destacou a importância do planejamento dos espaços públicos para a comunidade, que desde cedo fundou uma Associação dos Moradores do Nova Conquista para dar continuidade às reivindicações do movimento, como melhorias nas ruas, fornecimento de água e luz, creches e escolas.

Graças à luta popular, o bairro passou por grandes melhorias urbanas, mas ainda há desafios a serem superados. Muitas das famílias desalojadas do Nova Esperança (Palmital) migraram para o Movimento Sem Casa III, que deu origem ao Nova Conquista, reforçando a importância contínua da organização comunitária na busca por direitos básicos, como o acesso à moradia digna.

Outra situação destacada pelo Cassimiro da Silva foi a história do bairro Três Corações, que, embora não seja uma ocupação propriamente dita, enfrentou desafios similares devido ao loteamento irregular. As famílias que adquiriram lotes, em 1997, lutam até hoje pela regularização, demonstrando a persistência necessária na busca por justiça social.

Além disso, o palestrante mencionou outras ocupações que deixaram sua marca na história da cidade, como Vila São Pedro (1973), Vila Nossa Senhora de Fátima (próximo de 1976), Vila Santo Antônio (1982), Vila Senhor do Bonfim (início dos anos 1980), Vila das Antenas (final dos anos 1980) e Vila do Alto do São Cosme (a partir dos anos 1990). Esses exemplos ressaltam a importância dos movimentos populares e da solidariedade entre as comunidades na luta por direitos fundamentais.

Ao longo dos anos, o apoio dos movimentos populares, como ASCABE, ESTOPIM, Pastoral Operária, PJ, APNS, CPT e outros, desempenhou um papel crucial no sucesso do Movimento Sem Casa, fornecendo logística, materiais, locais para reuniões e suporte humano. O Jornal ESTOPIM, lançado em agosto de 1986, foi especialmente significativo para tornar conhecida a luta do movimento de moradia em Santa Luzia e na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Cassimiro da Silva também destacou os desafios enfrentados nas décadas seguintes, incluindo a constituição do Conselho Municipal de Moradia Popular e a reorganização do Movimento de Luta por Moradia. Ele enfatizou a importância da organização, planejamento, resistência e perspectiva na busca contínua por justiça social.

Em um momento tocante, ele compartilhou uma citação do Seu Joaquim, um dos ocupantes da ocupação Nova Esperança, que expressou sua determinação em alcançar a vitória na luta por moradia. Essa mensagem ressoou na audiência, reforçando o compromisso inabalável de nunca desistir na busca por um futuro melhor para todos.



10.2 Exposição

10.2.1 Sala 01 - Oficina I e II (Auditório)

A Sala 1 abordou os temas trabalhados nas oficinas I e II. A montagem expográfica da Sala 1 ocorreu no auditório do campus do IFMG em Santa Luzia. A exposição foi dividida em dois atos. O primeiro ato resumiu os debates das Oficinas I e II. Neste espaço, o público teve acesso a vídeos apresentando os temas que foram tratados durante as oficinas mencionadas. O objetivo da montagem expográfica foi relembrar o que foi vivido através de alguns pontos centrais, especialmente o cenário atual dos problemas relacionados ao acesso à moradia.

10.2.2 Sala 02 - Oficina III e IV (acesso lateral ao auditório)

A exposição da Oficina III teve como propósito relembrar aos participantes a experiência vivida do tema "Como avançar com a ATHIS?", a partir da palestra do professor Tiago Lourenço na qual ele apontou as contradições da arquitetura intocável na luta por moradia. O material exposto visou promover reflexões sobre os desafios enfrentados na assistência técnica em habitação de interesse social.

Para reforçar a memorização do conteúdo da oficina, a exposição foi organizadameticulosamente. Frases impactantes foram selecionadas e dispostas ao redor do acesso lateral do auditório do IFMG - Santa Luzia, proporcionando aos participantes uma oportunidade visual de relembrar os pontos-chave discutidos. Além disso, essas frases foram projetadas em um datashow, ampliando ainda mais a exposição do conteúdo.

A exposição também incluiu os cartazes elaborados pelos alunos durante as dinâmicas realizadas durante a oficina, servindo como lembretes visuais do conteúdo abordado. Essa abordagem complementar enriqueceu ainda mais a experiência da exposição, oferecendo aos participantes uma oportunidade adicional de se conectar com o material apresentado e reforçar sua compreensão sobre o assunto discutido na oficina.

A exposição foi ainda mais enriquecida com a criação de pequenos vídeos que capturaram momentos-chave da apresentação do Professor Tiago Lourenço. A exposição foi ainda mais enriquecida com a criação de pequenos vídeos que capturaram momentos-chave da apresentação do Professor Tiago Lourenço, destacando suas falas mais relevantes, e outro vídeo que mostrou a dinâmica realizada pelos alunos durante a oficina. Essa abordagem audiovisual permitiu que todos os participantes revisitassem sua participação naquele dia e relembrassem os acontecimentos de forma vívida. Esses vídeos proporcionaram uma oportunidade valiosa para reforçar o aprendizado e a reflexão sobre os temas abordados, contribuindo para uma experiência mais completa e memorável da oficina.

A exposição da oficina IV, centrada no processo colaborativo para a compreensão dos problemas e na construção de soluções, foi marcada pela apresentação da professora Viviane Zerlotini. Para enriquecer a exposição, decidimos espalhar ao longo da lateral da entrada do auditório do IFMG – Santa Luzia, frases significativas proferidas pela professora e pelos alunos durante a apresentação da oficina. Essas frases servem como lembretes do conteúdo abordado e das ideias importantes discutidas durante o evento, permitindo que os participantes pudessem relembrar facilmente o propósito e a essência da oficina. Essa abordagem ajudou a manter viva a memória da experiência compartilhada e a facilitar a reflexão contínua sobre os temas explorados.

Frases ditas na oficina IV.



A criação de pequenos vídeos foi uma estratégia valiosa para registrar e compartilhar os ensinamentos da professora Viviane Zerlotini durante a oficina. Um dos vídeos destacou suas principais falas e ensinamentos, enquanto o outro evidenciou os momentos mais marcantes da dinâmica realizada pelos alunos. Essa iniciativa permitiu que todos os participantes pudessem reviver os aprendizados e destaques da oficina, reforçando assim a absorção do conteúdo e facilitando a reflexão sobre o que foi ensinado. Esses vídeos serviram como ferramentas eficazes para consolidar o conhecimento adquirido e promover uma maior compreensão dos temas abordados durante o evento.

Interação dos alunos com a exposição



Fonte: Acervo curso ATHIS – 2023

Além dos vídeos que registraram os momentos importantes das oficinas III e IV, um vídeo adicional foi produzido pelos bolsistas Alê Moreira de Paula, Mariana Silva e Sara Letícia. Esse [vídeo](#), baseado na cartilha manual da ATHIS, permitiu que cada bolsista compartilhasse sua perspectiva sobre o tema, destacando locais que exemplificam suas falas. Essa iniciativa proporcionou aos participantes uma compreensão mais clara dos benefícios oferecidos pela ATHIS.



QR CODE VÍDEO

10.2.3 Sala 03 - Oficina V (sala de aula do bloco C)

A exposição "Athis para Moradia" referente à oficina V teve como ponto de partida a abordagem do palestrante, que a definiu como um espaço de intercâmbio e "relato de experiências". A partir dessa premissa, toda a exposição foi concebida de modo a A exposição "Athis para Moradia" referente à oficina V teve como ponto de partida a abordagem do palestrante, que a definiu como um espaço de intercâmbio e "relato de experiências". A partir dessa premissa, toda a exposição foi concebida de modo a possibilitar uma conexão direta com a palestra, as perguntas feitas e a dinâmica que ocorreu no evento.

Estruturada com base nas falas do palestrante Jansen Lemos, nas perguntas e respostas dos participantes do curso de extensão, bem como nas fotos das pessoas envolvidas, a exposição também incorporou os cartazes elaborados pelos alunos da "Formação em Athis" durante as atividades em grupo. Essa abordagem permitiu uma recordação mais pessoal dos acontecimentos do dia.



Imagen: Exposição
Fonte: Acervo do Curso

Além disso, foram incluídas frases com propostas de soluções para os desafios apresentados durante a atividade, acompanhadas das fotos dos grupos responsáveis por elas. Para complementar, um vídeo de dois minutos foi exibido, fornecendo uma recapitulação dinâmica do evento.

Em última análise, essa exposição possibilitou que os participantes revisitasse a temática de maneira individualizada, permitindo que percebessem seu papel como agentes de transformação ao verem suas ideias e contribuições validadas e compartilhadas.



Foto: Exposição sala 04 oficina 06. Fonte: arquivo pessoal.

10.2.4 Sala 04 - Oficina VI (sala do LITS)

Desde a entrada da sala 4, os alunos se depararam com diversas frases e imagens referentes a palestra da Oficina VI. O principal objetivo foi provocar reflexões nos participantes do curso e relembrar o que aprenderam durante as falas dos professores Eduardo Bittencourt, Verônica Bernardes e Daniel Miranda.

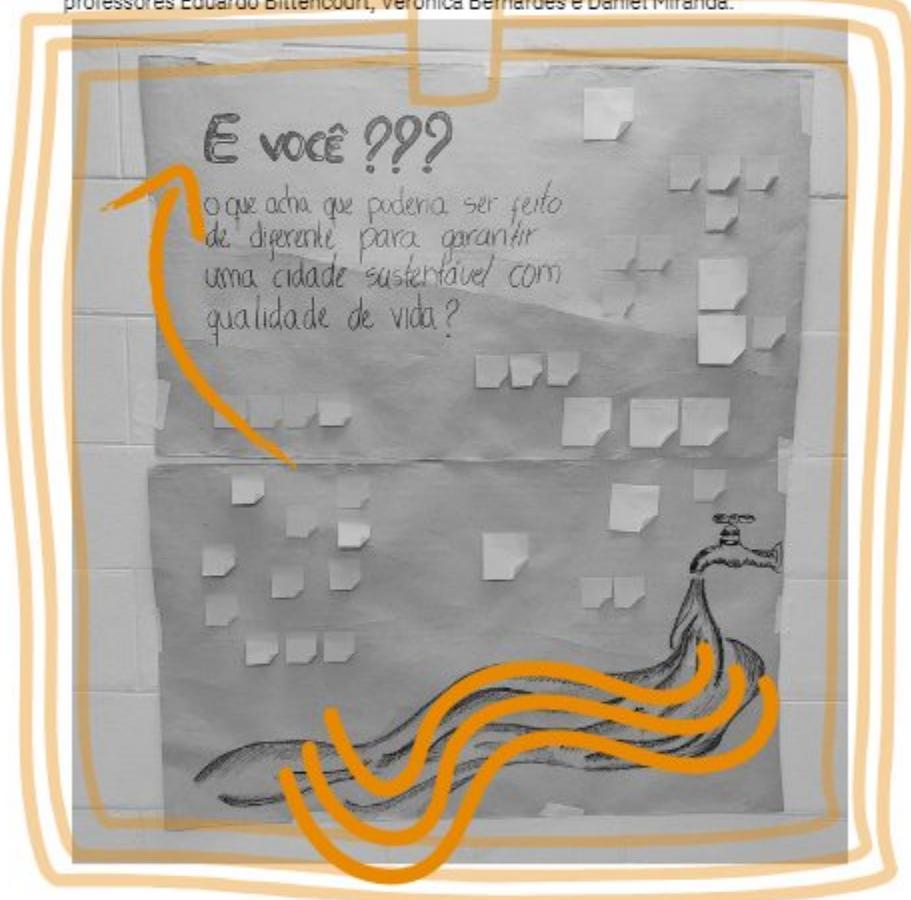


Foto: Exposição sala 04 oficina 06
Fonte: arquivo pessoal

Neste dia, a proposta foi um encontro diferente dos que ocorreram até o momento. A exposição abordou o tema "ATHIS para o entorno de moradia", por meio de imagens, frases, cartazes e um vídeo. Muitos alunos se mostraram empolgados com a proposta e relataram uma boa sensação de nostalgia. Problemas relacionados ao saneamento básico são observados em diversos lugares e é uma questão importante a ser discutida entre população e poder público.

O vídeo apresentado foi fruto de um recorte de alguns momentos e imagens da palestra, em que os professores apresentaram os 4 pilares do saneamento básico: água, esgoto, drenagem e resíduo sólido. Eles também mostraram diversas tecnologias de urbanização sustentável e outras formas de serviços coletivos urbanos que serviram como base para o desenvolvimento de cartazes apresentados na exposição.

Além disso, os alunos foram convidados a interagir com o material escrevendo sobre o que eles pensam que poderia ser feito para garantir uma cidade mais sustentável e com qualidade de vida.

10.2.5 Exposição Sala 05 - Oficina VII (sala de reunião LITS)

A exposição "ESPERANÇA: ATHIS para o Bairro e o Meio Ambiente" foi concebida como uma parte essencial de um percurso educativo mais amplo, cuidadosamente elaborado para proporcionar aos participantes uma compreensão abrangente e aprofundada dos princípios e práticas da Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS). Este percurso fazia parte do curso de extensão "Formação em ATHIS", financiado pelo CAU/MG, promovido pelo Instituto Federal de Minas Gerais, visando capacitar arquitetos e urbanistas, comunidade, estudantes, órgãos públicos e demais grupos interessados em Athis, para atuarem de forma mais eficaz e comprometida com a transformação social e ambiental em suas comunidades.

Cada sala da exposição representava uma etapa distinta do percurso formativo, correspondendo a uma oficina ou aula específica ministrada durante o curso. A Sala 05, onde a exposição "ESPERANÇA" foi montada, estava ligada à Oficina 07, que se concentrou na interseção entre ATHIS, bairro e meio ambiente. Esta sala foi especialmente projetada para destacar os desafios e as oportunidades encontradas pelas comunidades urbanas em relação à habitação, ao espaço público e à sustentabilidade ambiental.

A disposição e o design da exposição foram cuidadosamente planejados para proporcionar uma experiência envolvente e informativa aos participantes. Ao entrar na sala, os visitantes eram recebidos por uma ambientação que evocava as características e os desafios das comunidades urbanas de baixa renda, vivenciando no Bairro Esperança. Elementos como murais de fotos, vídeos e instalações interativas foram habilmente integrados para transmitir informações de forma acessível e inspiradora.

A exposição também incorporou elementos sensoriais e emocionais para envolver os participantes em um nível mais profundo. Por exemplo, sons ambiente selecionados do percurso vivido na oficina 07, foram usados para criar uma atmosfera imersiva que transportava os visitantes para as realidades da comunidade retratada. Além disso, depoimentos de moradores locais, inseridos

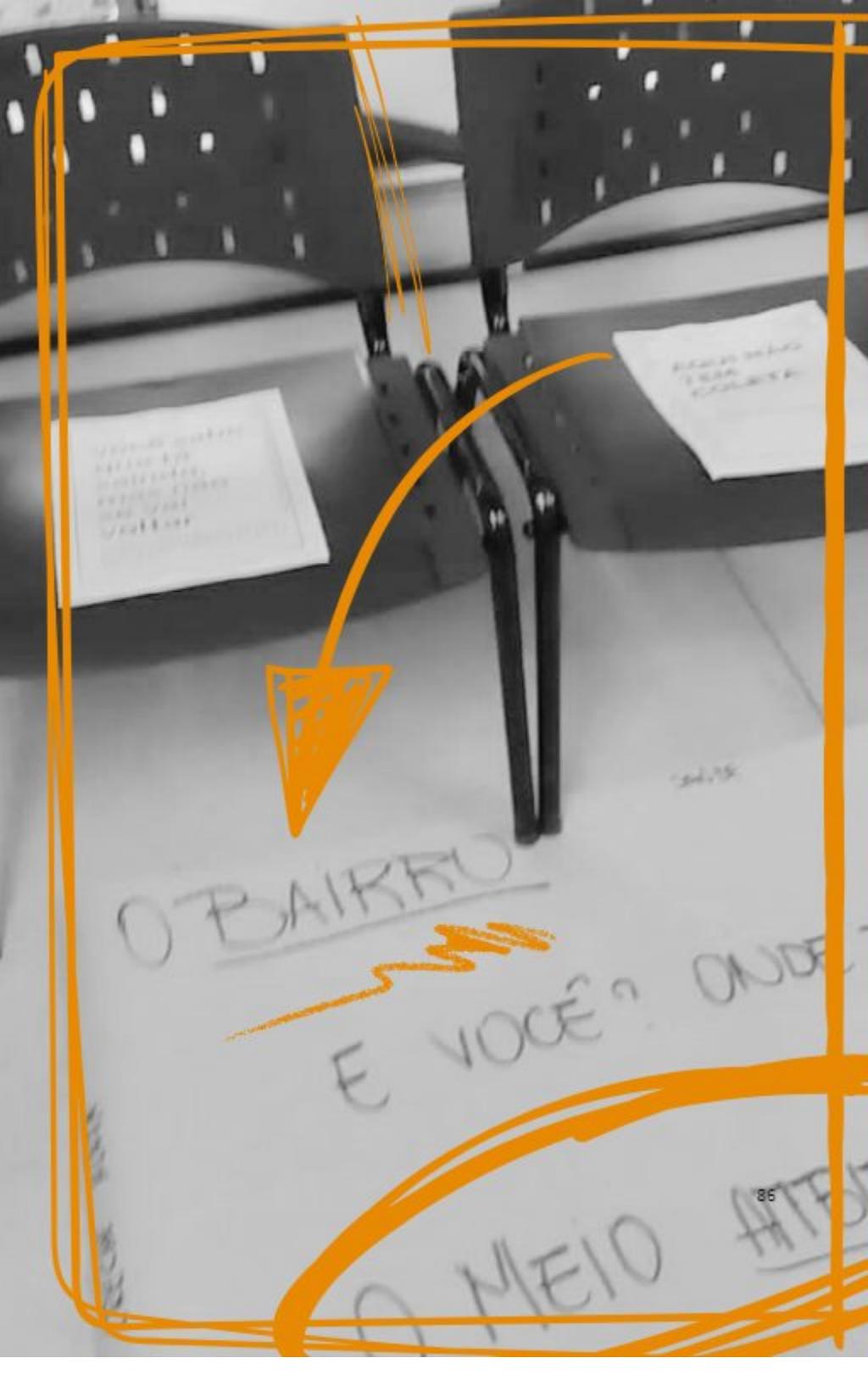
estrategicamente na exposição, proporcionaram uma perspectiva autêntica e emocionalmente impactante sobre as experiências e aspirações das pessoas diretamente afetadas pela ATHIS.

Durante o percurso pela exposição, os participantes foram acompanhados por facilitadores, que forneceram informações adicionais, responderam a perguntas e estimularam discussões significativas. Esta abordagem facilitada permitiu que os participantes explorassem os temas apresentados de maneira mais profunda e interativa, compartilhando suas próprias experiências e perspectivas com o grupo. Ao final da exposição, os participantes foram convidados a participar de uma sessão de síntese e reflexão, onde puderam consolidar seus aprendizados, compartilhar experiências e identificar oportunidades de aplicação prática em seus próprios contextos profissionais e comunitários. Esta fase de encerramento foi fundamental para garantir que os conhecimentos adquiridos durante o curso e a exposição fossem internalizados e transformados em ação tangível e sustentável.

Em suma, a exposição "ESPERANÇA: ATHIS para o Bairro e o Meio Ambiente" não foi apenas uma exibição estática de informações, mas sim uma experiência educativa dinâmica e transformadora, projetada para capacitar e inspirar os participantes a se tornarem agentes de mudança positiva em suas comunidades e no mundo ao seu redor.

Fotos Exposição à seguir.





OBAIKRO

E VOCÊ?

O MEIO

HTPS





POR QUE FALTA MORADIA?

O QUE FALTA NO BAIRRO?

O QUE PODEMOS FAZER?

ATHIS AJUDA NO BAIRRO?

POR QUE FALTA MORADIA?





você sabe
que fa
saudade
mas não
se vai
voltar

AQUI NÃO
TEM COLETA

a gente
colhe
como
comésticos

Fomos a pra
Voltamos de taaa
Abraçamos o
solo?

EU DIVIDI O QUE EU TENHO

10.2.6 Exposição Sala 6 - Oficina VIII (jardim bloco C)

Responsável pelo texto: Bruna Camposano Médici

A Exposição Sala 6 - Oficina VIII representou um desdobramento significativo das atividades e discussões promovidas durante o curso de extensão "Formação em ATHIS", integrando-se ao contexto mais amplo do ebook "Curso Extensão Formação em Athis: Reflexões e Planos de Ação". Realizada no dia 25 de novembro de 2023, esta exposição se destacou como um marco crucial na trajetória de aprendizado e engajamento dos participantes com os temas da regularização fundiária e da Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS).

A gênese da exposição remonta à dinâmica e à energia criativa gerada durante a Oficina VIII, ocorrida no dia 25 de novembro. Sob a orientação de dois arquitetos especializados em regularização fundiária, Túlio Colombo e Daniel Menezes, os participantes foram divididos em grupos com base em tipologias de territórios específicos. Estes grupos desempenharam um papel fundamental, desenvolvendo propostas concretas para o futuro dessas comunidades.

As perguntas geradoras e provocadoras, cuidadosamente elaboradas, serviram como guias para orientar as discussões. Este enfoque metodológico estimulou intensas reflexões coletivas e práticas colaborativas, proporcionando o terreno fértil necessário para o florescimento das ideias e propostas apresentadas na exposição.

A natureza interativa da exposição foi um de seus aspectos mais distintivos, incentivando os participantes a se envolverem ativamente com os conteúdos apresentados. A troca de frases provocativas e a subsequente colheita de respostas frutíferas não apenas estimularam o diálogo, mas também promoveram uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados pelas comunidades em busca da regularização fundiária.

A exposição não se limitou a ser um mero complemento da Oficina VIII; ela representou o poder da colaboração e da participação coletiva. Além de destacar os desafios enfrentados pelas comunidades em busca da regularização fundiária, a exposição também identificou oportunidades para promover mudanças significativas e sustentáveis nessas comunidades.

Ao percorrer a área externa do IFMG, como o jardim, a Exposição Sala 6 - Oficina VIII serviu como um catalisador para uma jornada contínua de transformação e colaboração em prol da regularização fundiária e da promoção do direito à moradia digna. Os participantes, ao refletirem sobre suas experiências na exposição, levaram consigo não apenas ideias e propostas, mas também um renovado sentido de propósito e comprometimento com a construção de comunidades mais justas e resilientes. Fotos da Exposição à seguir.



CAP. 11

Plano de ação

11. Construção dos Planos de Ação

Responsável pelo texto: Roxane Sidney e Bruna Medici

Após a conclusão do percurso pela exposição, os estudantes, reunidos, empreenderam uma análise profunda para delinear estratégias destinadas a superar os desafios intrínsecos à implementação da ATHIS (Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social). A motivação para essa reflexão foi alimentada pelas vivências enriquecedoras do curso e pela inspiração proveniente da palestra proferida por Cassimiro. Com o intuito de sistematizar suas reflexões, os alunos primeiramente engajaram-se na elaboração de anotações individuais, documentando os desafios identificados ao longo das diferentes etapas das oficinas, que compreenderam desde a I até a XVIII.

Em seguida, buscando uma abordagem colaborativa e holística, foi criada uma planilha compartilhada, onde os participantes puderam registrar diretrizes e propostas de ação destinadas a fazer frente aos desafios identificados. Esse momento de colaboração representou não apenas uma resposta ativa às exigências do contexto atual, mas também uma oportunidade de articulação de estratégias orientadas para a construção de um futuro mais inclusivo e sustentável no âmbito da habitação social.

O processo de desenvolvimento dos planos de ação teve início durante a oficina X, realizada em 09 de dezembro de 2023, e se estendeu ao longo da semana subsequente. Durante esse período, os participantes dedicaram-se a aprimorar suas propostas, considerando aspectos como viabilidade, eficácia e impacto social. No sábado seguinte, dia 16 de outubro de 2023, os estudantes reuniram-se novamente para consolidar suas ideias e elaborar uma proposta coletiva robusta e coerente.

As reflexões, ideias e diretrizes delineadas ao término da oficina X representam um ponto de partida para a elaboração dos planos de ação coletivamente propostos, os quais serão detalhados e apresentados de forma mais abrangente no Seminário Final. Esse evento constituirá uma oportunidade não apenas para compartilhar as estratégias elaboradas, mas também para promover o diálogo e a troca de experiências entre os participantes e demais interessados na temática da habitação social.

11.1 - Ideias e desafios para ATHIS (Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social):

Tatiane C.:

- Transparéncia e desburocratização da legislação.
- Disseminação da responsabilidade social no meio técnico.
- Educação desde a infância para promover a responsabilidade comunitária.

Igor D.:

- Aplicação efetiva da lei para enfrentar o problema habitacional.
- Articulação eficiente entre agentes da ATHIS.
- Envolvimento de toda a população na ATHIS.

Thais R.:

- Dinamismo e interseccionalidade na ATHIS.
- Capacitação para assessores e assessorados.
- ATHIS como política pública de interesse social.

Sthefani N.:

- Criação de um sistema abrangente que inclua saúde e bem-estar.
- Sustentabilidade com foco educacional.
- Restauração e preservação do meio ambiente.

Claudiana B.:

- Construção de locais para aluguel social.
- Conexão entre moradia e saúde.
- Diferenciação na posse conforme a capacidade financeira.

Lidiene X.:

- Organização prévia em ocupações.
- Qualificação profissional para a ATHIS.
- Repensar a forma de habitar sem destruir o ecossistema.

Rafaela B.:

- Enxergar além do próprio bairro.
- Valorização de técnicas vernaculares.
- Combate ao preconceito da autoconstrução.

Leandro A.:

- Entender a moradia como direito.
- Construir habitações alinhadas com a realidade e necessidades.
- Repensar o tamanho das cidades e conectar espaços naturais.

Isabelle M.:

- Abordagem da problemática como imediata.
- Importância da relação entre poder público e comunidade.
- Cooperação entre ATHIS e RF.

11.2 - Diretrizes para ATHIS (Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social):

Diretrizes para ATHIS (Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social):

1. Transparência e Desburocratização: Torna-se premente a necessidade de desburocratização e transparência da legislação relacionada à ATHIS, facilitando o acesso e a compreensão dos procedimentos pelos beneficiários e demais partes interessadas.

2. Responsabilidade Social e Educação: A disseminação da responsabilidade social entre os profissionais envolvidos na ATHIS, aliada à educação desde a infância, é vital para promover uma cultura de engajamento comunitário e conscientização sobre questões habitacionais.

3. Articulação Eficiente: Destaca-se a importância de uma articulação eficiente entre os diversos agentes envolvidos na ATHIS, visando à identificação de problemas, compartilhamento de boas práticas e coordenação de esforços para uma atuação integrada e eficaz.

4. Envolvimento da População: O envolvimento e mobilização da população local são cruciais para o sucesso das iniciativas de ATHIS, destacando-se a participação ativa da comunidade na identificação de demandas e busca por soluções.

5. Capacitação: A capacitação adequada dos profissionais envolvidos na prestação da ATHIS e dos beneficiários é fundamental para garantir a qualidade das intervenções e promover a autonomia e empoderamento das comunidades.

6. Sustentabilidade e Meio Ambiente: Propõe-se a integração de práticas sustentáveis e aspectos ambientais nas intervenções de ATHIS, visando à preservação do meio ambiente e promoção de condições de vida saudáveis e sustentáveis.

7. Regularização Fundiária: Destaca-se a importância da regularização fundiária para garantir segurança jurídica e permanência da população em suas moradias, contribuindo para a redução da vulnerabilidade social e o fortalecimento do direito à cidade.

8. Construção Participativa: Enfatiza-se a participação ativa da sociedade civil e moradores na definição e implementação das políticas de ATHIS, promovendo a inclusão, democracia participativa e respeito à diversidade e aos direitos humanos.

11.3 - Diretrizes para Planejamento e Mobilização:

1. Mobilização e Articulação Local: É crucial mobilizar e articular recursos e agentes locais para a sensibilização e elaboração conjunta de planos de ação, promovendo participação e empoderamento das comunidades.

2. Negócios Sociais: Sugere-se estimular e apoiar negócios sociais como complemento às ações de ATHIS, atendendo demandas não abrangidas diretamente pela legislação e promovendo desenvolvimento econômico e social.

3. Mobilização Popular e Comunitária: Propõe-se facilitar acesso da população aos técnicos e promover melhoria habitacional além do aspecto físico, com foco na construção de relações comunitárias e fortalecimento dos laços sociais.

4. Parcerias e Diagnóstico: Destaca-se a importância de estabelecer parcerias estratégicas e realizar diagnóstico abrangente das condições habitacionais e urbanas para orientar ações de planejamento e mobilização de forma eficaz.

11.4 - Estratégias e Abordagens Gerais:

1. Construção Coletiva: Destaca-se a necessidade premente de uma abordagem de construção coletiva, que vai além da questão da moradia e contempla também questões relacionadas ao gênero, saúde, diversidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais e outros) racial e cultural. Reconhece-se que as políticas habitacionais devem ser desenvolvidas de forma participativa, incorporando as diversas perspectivas e necessidades das comunidades atendidas. A construção coletiva não apenas fortalece o senso de pertencimento e identidade das comunidades, mas também promove a efetividade e sustentabilidade das intervenções.
2. Preservação Ambiental: Ressalta-se a importância vital da preservação ambiental como parte integrante das políticas habitacionais. Reconhece-se que o ambiente é a base da vida e do futuro das comunidades, e, portanto, deve-se considerar a preservação ambiental em conjunto com o direito à moradia. Isso implica em adotar práticas sustentáveis na concepção e execução de projetos habitacionais, garantindo a conservação dos recursos naturais e a mitigação dos impactos ambientais negativos. Além disso, promover a educação ambiental e a conscientização sobre a importância da preservação ambiental é essencial para garantir a sustentabilidade das comunidades a longo prazo.

CAP. 12

Seminário Final

12. Seminário Final

Responsável pelo texto: Bruna Camposano Médici

O Seminário Final, planejado para o Curso de Extensão em Formação em Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social (ATHIS), desempenha um papel fundamental na conclusão do programa acadêmico, representando não apenas o encerramento de uma fase, mas também a abertura de novos caminhos e oportunidades para os participantes. Este texto busca apresentar a importância e os benefícios associados à realização deste Seminário Final, destacando como ele foi planejado e como marco significativo na jornada educacional dos alunos. Este e-book foi finalizado antes da ocorrência do seminário, por isso este texto apresenta a expectativa pensada, o imaginário dos esforços feitos durante todo o curso.

O Seminário Final oferece uma plataforma para os participantes demonstrarem o conhecimento adquirido ao longo do curso, apresentarem os resultados de seus estudos e projetos e compartilharem suas experiências e aprendizados com colegas, professores e parceiros da comunidade. Ao apresentar suas descobertas e reflexões, os alunos têm a oportunidade de consolidar e contextualizar seu aprendizado, demonstrar sua competência e habilidades, e receber feedback construtivo de especialistas no campo.

Além disso, o Seminário Final é um momento de celebração das realizações individuais e coletivas dos participantes, reconhecendo o trabalho árduo, dedicação e compromisso demonstrados ao longo do curso. É uma oportunidade para expressar ideias e reconhecimento aos professores, colaboradores e parceiros envolvidos na concepção e implementação do programa, bem como para comemorar a conclusão bem-sucedida de uma importante etapa educacional.

O Seminário Final também desempenha um papel crucial na promoção da troca de conhecimentos, troca de saberes e colaboração entre os participantes, instituições públicas e grupos interessados. Ao reunir alunos, professores, especialistas e representantes de organizações relevantes, o evento cria um ambiente propício para a discussão de ideias, compartilhamento de boas práticas e estabelecimento de conexões profissionais que podem resultar em futuras parcerias e oportunidades de colaboração.

Além disso, o Seminário Final serve como um ponto de partida para os participantes continuarem seu desenvolvimento profissional e engajamento com a causa da ATHIS. Ao abrir portas para novos caminhos e oportunidades, o evento inspira os alunos a aplicarem o conhecimento adquirido, expandirem seus horizontes e contribuírem de forma significativa para o avanço da Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social.

Em resumo, o Seminário Final do Curso de Extensão em Formação em Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social (ATHIS) representa não apenas o encerramento do programa, mas também o início de uma nova jornada de aprendizado, descoberta e engajamento para os participantes. É um momento de reflexão, celebração e inspiração, que marca não apenas o fim de uma etapa, mas também o começo de novas possibilidades e oportunidades de crescimento e contribuição para a sociedade.

CAP. 13

Considerações Finais

O curso partiu de uma perspectiva crítica sobre a realidade atual dos problemas relacionados à moradia e à urbanização nas áreas de interesse social (vilas, bairros populares e ocupações urbanas) na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Os impasses e contradições observadas nesta realidade, ao longo de anos de trabalho acadêmico, técnico e político da equipe envolvida foram tomados como desafios para o avanço na implementação da ATHIS e tomado-a como um instrumento possível de transformação da realidade.

Após dois anos de trabalho em busca do fomento, planejamento e execução deste curso de extensão, os desafios abaixo (reproduzidos do plano de trabalho inicial do curso aprovado pelo CAU-MG) foram tomados como objetivos de aprendizagem e experimentação durante o curso. A título de conclusão tentaremos deixar alguns comentários sobre estes desafios, reflexo principalmente do aprendizado que tivemos da oportunidade de discutir coletivamente entre pares diversos (moradores de comunidades, representantes de movimentos sociais, profissionais de arquitetura e urbanismo, estudantes e demais acadêmicos).



Imagen: Quadro síntese dos desafios para a ATHIS adotados no curso.

Fonte: arquivo pessoal

Apesar da necessidade de continuar lutando, cada agente da produção das cidades e do campo, a todo o tempo do trabalho cotidiano pela superação das desigualdades sócio-ambientais no país, pode agir objetivamente para a superação dos desafios ao avanço da ATHIS apontados nos conhecimentos vivenciados durante as Oficinas do curso, na síntese construída pelo Plano de Ação e pelas ideias emitidas pelo Manifesto presentes nesta publicação.

Não vemos a ação dos governos (União, Estado e Município) priorizarem políticas públicas dedicadas à intervenções de pequeno porte e de médio ou longo prazo apesar da robusta legislação disponível e do potencial que estas abordagens tem para melhorar a qualidade de vida das famílias pobres e de seus locais de viver como a moradia e o bairro. A sociedade como um todo deve cobrar das administrações públicas programas e projetos que enfrentem os problemas de fundo e que utilizem recursos financeiros suficientes para tal e que açãoem as instituições científicas e técnicas capazes de contribuir com o acompanhamento e avaliação destas ações para seu sucesso.

O desafio do acesso à terra, à moradia e à promoção de uma urbanização inclusiva e sustentável nas cidades brasileiras precisa ser enfrentado como prioridade pelos governos e a sociedade. Não se pode mais aceitar que milhões de brasileiras e brasileiros continuem vivendo sem condições mínimas de habitação, saneamento, mobilidade, educação, saúde pública e outras necessidades sociais básicas. A pobreza não é justificativa para que a sociedade, por meio do poder público, alegando falta de recursos para enfrentar objetivamente estes problemas, enquanto continua gastando recursos com outras demandas menos importantes para a promoção de uma sociedade justa, igualitária e equilibrada.

Lutar pelo avanço da ATHIS na sociedade brasileira é consolidar um pacto em prol de uma política pública para a população de menor renda e o protagonismo dos agentes responsáveis por esta mudança não pode ser adiado, sendo necessárias mudanças urgentes na realidade das administrações municipais que sequer possuem estrutura administrativa para tratar da política urbana e de habitação em sua cidade, na omissão das casas legislativas que não estabelecem percentuais do orçamento público para investimentos em ATHIS e na melhoria da moradia de famílias com renda de até 3 salários mínimos.

Cabe aos profissionais do meio técnico e acadêmico desde já considerar esta realidade um problema imanente que não pode ser ignorado por opção ou desconhecimento. A cidade real brasileira é estruturada a partir destas desigualdades sócio ambientais, o ambiente construído da moradia e o espaço urbanizado da maioria dos habitantes apresenta carências, deficiências e desigualdades. Não há como aceitar que as salas de aulas, os temas e programas dos projetos de arquitetura e de engenharia não estejam tratando do espaço e das demandas oriundas deste quadro. É necessário aproximar o corpo técnico da sociedade, estes agentes sociais (profissionais da arquitetura e da engenharia, professores, pesquisadores, alunos) precisam compreender o seu papel como sujeitos da transformação na produção do espaço, fazendo com que esta aproximação se torne cotidiana, permanente e novos caminhos sejam criados em decorrência do encontro entre o conhecimento técnico-científico, a capacidade racional de organização e planejamento da academia e do campo profissional com as práticas cotidianas e saberes vernaculares das comunidades e pessoas que lutam a cada dia para uma vida melhor mesmo sem informações e recursos especializados.

Claro que o enfrentamento destes desafios só será alcançado a partir da MUDANÇA de paradigmas e princípios no hábito de cada agente envolvido na ATHIS. Este curso mostrou como podemos fazer isso através da educação, ou seja, os ambientes de formação profissional como as universidades e escolas técnicas devem incorporar esta realidade e os compromissos decorrentes dela para as pessoas e as instituições. Obviamente não é fácil transformar as bases de ensino, renovar as mentalidades docentes ou inovar nas práticas pedagógicas de modo que tamanho problema possa ser apresentado, (re)conhecido e exercitado, mas é isso que se apresenta para todos nós se queremos garantir que os profissionais formados (egressos) sejam capazes de cumprir o que é esperado deles pela sociedade. Testemunhamos neste final de jornada o potencial da EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA como abordagem didático-pedagógica para tratar do tema e seus desafios junto a um perfil de alunos do curso de ATHIS tão rico e diverso. Os princípios da circularidade dos saberes e da tomada do mundo real como objeto de conhecimento são poderosos para a construção de um pensamento crítico e de uma prática reflexiva entre os alunos e professores.

Por fim, reiteramos o desejo e a esperança que os governos locais tomem a ATHIS como caminho para a ação e transformação das moradias, da cidade e do meio ambiente, contando sempre com a inteligência e capacidade dos profissionais da arquitetura e urbanismo, da engenharia, da assistência social e outros campos do conhecimento para construir políticas públicas objetivas e aproveitar com o máximo de eficácia social os valiosos recursos públicos disponíveis. Esse avanço só se dará com a participação de todos, sobretudo a sociedade civil que deve cobrar e acompanhar o poder público, mas sempre na perspectiva de trabalho em conjunto, legitimando o estado, apoiando os servidores públicos e contribuindo para que os objetivos das políticas públicas sejam alcançados.

CAP. 14

**Manifesto pela
Implementação da Lei Federal
de Assistência Técnica em
Habitação de Interesse Social
(ATHIS)**

Manifesto pela Implementação da Lei Federal de Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS)

Nós, cidadãos e cidadãs comprometidos com a justiça social e a promoção dos direitos humanos, reunimo-nos neste manifesto como resultado do curso de extensão em Formação em ATHIS promovido pelo Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Santa Luzia, patrocinado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais - CAU/MG. Nossa curso foi um espaço de aprendizado e reflexão sobre os desafios e possibilidades da assistência técnica em habitação de interesse social, culminando em um chamado à ação política em prol da implementação efetiva da Lei Federal de ATHIS em nossas comunidades.

Após uma jornada intensa de aprendizado e reflexão, percorrendo os desafios e possibilidades da ATHIS em nossa comunidade, elaboramos este manifesto como um compromisso coletivo com a transformação de nossa realidade habitacional. Inspirados pelas vivências enriquecedoras do curso, reconhecemos a urgência de agir para superar as barreiras que limitam o acesso à moradia adequada para todos.

Por isso, convocamos:

Vereadores comprometidos com famílias de baixa renda e comunidades: Exigimos que os vereadores assumam um papel de liderança na formulação e implementação de políticas municipais de habitação, garantindo a destinação de recursos e a adoção de medidas concretas para promover a ATHIS em nossas cidades.

Associações de moradores locais: Instamos as associações de moradores a se tornarem agentes ativos na defesa dos direitos habitacionais de suas comunidades, pressionando as autoridades municipais e colaborando na identificação de demandas e na elaboração de projetos de ATHIS.

ONGs dedicadas às comunidades, à habitação e aos direitos humanos: Contamos com o apoio e a expertise das ONGs para oferecer suporte técnico, capacitação e advocacia em prol da implementação da ATHIS, garantindo que as necessidades habitacionais das populações mais vulneráveis sejam atendidas de forma respeitosa, eficaz e sustentável.

Defensoria Pública local: Exigimos que a Defensoria Pública atue de forma proativa na defesa dos direitos habitacionais das famílias de baixa renda, oferecendo assistência jurídica gratuita e propondo ações judiciais para garantir o cumprimento da Lei de ATHIS e a proteção dos direitos das comunidades.

Comprometemo-nos a lutar pela concretização dos seguintes princípios e diretrizes: Transparência e Desburocratização: Exigimos a transparência e desburocratização da legislação e políticas relacionadas à ATHIS, para garantir o acesso equitativo dos cidadãos aos programas e serviços habitacionais.

Responsabilidade Social e Educação: Defendemos a disseminação da responsabilidade social entre os profissionais e a promoção da educação desde a infância, visando criar uma cultura de engajamento comunitário e conscientização sobre questões habitacionais.

Articulação Eficiente: Exigimos uma articulação eficiente entre os diversos agentes envolvidos na ATHIS, para identificar problemas, compartilhar boas práticas e coordenar esforços em busca de soluções integradas e eficazes.

Envolvimento da População: Reconhecemos o protagonismo da população local e nos comprometemos a promover sua participação ativa na definição e implementação das políticas de ATHIS, garantindo a inclusão e a diversidade de vozes.

Capacitação: Demandamos a capacitação adequada dos profissionais e beneficiários envolvidos na ATHIS, para assegurar a qualidade das intervenções e promover a autonomia e o empoderamento das comunidades.

Sustentabilidade e Meio Ambiente: Comprometemo-nos a integrar práticas sustentáveis e aspectos ambientais nas intervenções de ATHIS, visando à preservação do meio ambiente e à promoção de condições de vida saudáveis e sustentáveis.

Regularização Fundiária: Exigimos a regularização fundiária plena como instrumento para garantir a segurança jurídica e a permanência da população em suas moradias, combatendo a vulnerabilidade social e fortalecendo o direito à cidade.

Construção Participativa: Defendemos a participação ativa da sociedade civil e dos moradores na definição e implementação das políticas de ATHIS, promovendo a inclusão, a gestão democrática e o respeito à diversidade e aos direitos humanos.

Preservação Ambiental: Reconhecemos o ambiente como vida e futuro, comprometendo-nos a promover práticas de preservação ambiental em conjunto com o direito de morar, garantindo a sustentabilidade das comunidades a longo prazo.

Este manifesto é nossa declaração de compromisso com a transformação social e a construção de um futuro mais justo e solidário para todos. Estamos determinados a seguir adiante na luta pela implementação efetiva da ATHIS e convidamos todos os cidadãos e instituições a se unirem a nós nessa jornada rumo à construção de cidades mais humanas e inclusivas.

Juntos, podemos e iremos tornar a habitação digna uma realidade para todos!

Assinado:

Santa Luzia, 25 de março de 2024

REFERÊNCIAS

ARANTES, P. F. (2002). *A Arquitetura Nova*. 1. ed. São Paulo: Editora 34 Ltda., 256 p.

BOURDIEU, P. (2006). *A distinção: crítica social do julgamento*. 2. ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 556 p.

Faria, J. L. (2023). *Desafios e Perspectivas na Habitação de Interesse Social em Ouro Preto*. Evento: Oficina Cinco - Athis em Foco.

KAPP, S.; NOGUEIRA, P. S.; BALTAZAR, A. P. *“Arquiteto sempre tem conceito - esse é o problema”*. Seminário Projetar 2009, São Paulo.

LIVINGSTON, R. (2003). *Cirugia de Casas*. Buenos Aires: Nobuko. Disponível em: <http://www.estudiolivingston.com.ar/cirugia/index.php>

ARANTES, P. F. (2002). *A Arquitetura Nova*. 1. ed. São Paulo: Editora 34 Ltda., 256 p.

BOURDIEU, P. (2006). *A distinção: crítica social do julgamento*. 2. ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 556 p.

Faria, J. L. (2023). *Desafios e Perspectivas na Habitação de Interesse Social em Ouro Preto*. Evento: Oficina Cinco - Athis em Foco.

KAPP, S.; NOGUEIRA, P. S.; BALTAZAR, A. P. *“Arquiteto sempre tem conceito - esse é o problema”*. Seminário Projetar 2009, São Paulo.

LIVINGSTON, R. (2003). *Cirugia de Casas*. Buenos Aires: Nobuko. Disponível em: <http://www.estudiolivingston.com.ar/cirugia/index.php>

LIVINGSTON, R. (2006). *Arquitectos de Familia*. Buenos Aires: Nobuko.

WEIMER, G. (2012). *Arquitetura popular brasileira*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 333 p..

LIVINGSTON, R. (2006). *Arquitectos de Familia*. Buenos Aires: Nobuko.

WEIMER, G. (2012). *Arquitetura popular brasileira*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 333 p..

EQUIPE TÉCNICA

"Juntos, transformamos o direito à cidade em realidade, construindo pontes de conhecimento e solidariedade para alcançar a moradia digna que todos merecem."



PROFESSORA ROXANE SIDNEY

Roxane Sidney, graduada e mestre em Arquitetura e Urbanismo, com doutorado em História Social da Cultura, pela UFMG. Ex-professora da Escola de Design da UEMG por uma década, agora leciona no Instituto Federal de Minas Gerais desde 2016, onde participa de dois grupos de pesquisa, IITS e RUA, ambos no CNPq.



PROF. EDUARDO BITTENCOURT

Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto Metodista Bennett (2008), com mestrado na área em 2014. Membro do grupo de pesquisa PEU br e do grupo RUA da PPG-Campus Santa Lúcia. Atua como professor técnico em planejamento urbano; urbanização de assentamentos precários e habitação de interesse social.



BRUNA CAMPOSANO

Bruna Camposano Medici, Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela PUC Minas, é apaixonada por arte e música. Integrante da Associação Arquitetos Sem Fronteiras - ASF Brasil, dedica-se a projetos sociais e urbanos.



ARTHUR ARAÚJO

Arthur Moreira, Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela PUC Minas, foi extensão no Escritório de Integração e proposta regularização fundiária, explorando sua história no Brasil.

EXTENSIONISTAS

"Na interseção entre saber e sociedade, a Extensão Universitária se torna o elo poderoso que transforma conhecimento em impacto, enriquecendo comunidades e promovendo o desenvolvimento sustentável."



LETÍCIA

Letícia, 24 anos, moradora de Santa Luzia, formada em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto Federal de Minas Gerais. Sua pesquisa de TCC focou em estratégias para tornar a arquitetura acessível à população de baixa renda, com um estudo de caso no bairro Palmital.



STFANY

Stefany, 32 anos, paisagista, apaixonada pelo paisagismo comestível e pela visão de dias melhores.



ALÊ MORAIS

Alê Moraes, graduando em Arquitetura e Urbanismo pelo IFMG, bolsista e colaborador audiovisual.



ANA BEATRIZ

Ana Beatriz, 22 anos, graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo IFMG - Santa Luzia. Bolsista do curso de extensão em Athis, interessada em compreender no papel da arquitetura e urbanismo na resolução de problemáticas urbanas e habitacionais.



TAMIRES

Formada em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia e mestre em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa. Atualmente, graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto Federal de Minas Gerais e bolsista no projeto de extensão.



LOURDES ANDRADE DINIZ

Formada em Arquitetura e Urbanismo pela Una, com pós-graduação em Engenharia de Avaliações e Perícias. Atualmente, sou graduanda em Design de Interiores no IFMG Campus Santa Luzia e bolsista de extensão no curso de capacitação em ATHIS.



SARA DINIZ

Formada em Design de Ambientes pela UEMG com pós-graduação em Neuroarquitetura pela UNA. Atualmente, é aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo do IFMG Santa Luzia e bolsista do projeto.



MARIANA SILVA

Graduada em Design de Interiores pelo IFMG – Santa Luzia, é atualmente graduanda em Arquitetura e Urbanismo na mesma instituição e bolsista do projeto.

AGRADECIMENTOS

Do Instituto Federal de Minas Gerais,
Com Roxane Sidney e Eduardo Bittencourt,
Ao Conselho de Arquitetura e Urbanismo,
Aos facilitadores, participantes e bolsistas,
As comunidades e suas lideranças,
A ASF Brasil, PEU, COAU e IAB-MG,
A gestão e coordenação,
Ao Grupo RUA,
A todos os contribuintes,
Gratidão pelo poder transformador,
Que este livro inspire ações concretas,
Por cidades mais inclusivas e equitativas.

REALIZAÇÃO

Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento de Minas Gerais

Associação Arquitetos Sem Fronteiras Brasil - ASF Brasil

Instituto Federal de Minas Gerais Campus Santa Luzia - IFMG Santa Luzia

APOIO

Regeneração Urbano Ambiental - RUA

Produção do Espaço Urbano nos brasil - PEBU nos brasis

Laboratório Integrado de Tecnologias Sociais - LITS

PATROCÍNIO

Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais - CAU MG

COORDENAÇÃO

Roxane Sidney de Mendonça

Eduardo Bittencourt

DOCENTES

Daniel Augusto de Miranda

Daniel Menezes

Edna - liderança da Ocupação Esperança

Eduardo Bittencourt

Jansen Lemos

José Cassimiro

Roxane Sidney de Mendonça

Simone Parrelo Tostes

Tiago Lourenço

Túlio Colombo

Verônica Bernardes de Souza Leo

Viviane Zerlotini

DISCENTES EXTENSIONISTAS

Alê Moreira de Paula

Ana Beatriz Rosa Nascimento

Cleia Tamires Gomes de Brito

Lourdes Andrade Diniz

Mariana Oliveira da Silva Sara

Letícia Rodrigues

Sarah Maria Diniz Silva

Stefany Natal Teodoro

CONSULTORIA TÉCNICA EM ATHIS

Bruna Composano Medici

Arthur Araújo

APOIO OFICINAS

Túlio Colombo

Bruna Camposano Médici

EVENTO E PUBLICAÇÃO

Bruna Camposano Médici

REITOR DO INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

Rafael Bastos Teixeira

DIRETOR IFMG CAMPUS SANTA LUZIA

Wemerton Luis Evangelista

IFMG CAMPUS SANTA LUZIA

Diretório de Ensino, Pesquisa e Extensão

Samantha Gidley de Oliveira Moreira

Diretório de Administração e Planejamento

Samuel Gonçalves Proença

Seção de Assuntos Institucionais

Gustavo Henrique Xavier Torres

Setor de Extensão

Leonardo Alves Evangelista

Coordenação do Curso de Arquitetura e Urbanismo

Breno Luiz Thadeu da Silva

Líderes do Grupo de Pesquisa CNPQ Laboratório Integrado de Tecnologia - LITS

Breno Luiz Thadeu da Silva

Leadro de Aguiar e Souza

Líderes do Grupo de Pesquisa CNPQ Regeneração Urbana Ambiental - RUA

Neimar Freitas Duarte

"Nas entranhas deste e-Book repousam os murmúrios das ruas, os suspiros das casas e os ecos dos sonhos de uma cidade em transformação, como se cada palavra fosse uma janela aberta para o labirinto da alma urbana."

Bruna Camposano Medici